

▲ **Dr. Ricardo Amorim**
Organizador

COLETÂNEA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS - NUMA PERSPECTIVA CONCEITUAL



COLETÂNEA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
NUMA PERSPECTIVA
CONCEITUAL

Volume I – 7ª. Edição

COMISSÃO REALIZADORA

GPT – Publicações Acadêmicas

DIRETOR

Prof. Dr. Francisco Ricardo Almeida Amorim

ORGANIZADORA

GPT – Publicações Acadêmicas

EDITOR DO LIVRO

Prof. Dr. Francisco Ricardo Almeida Amorim

Acesso e-book: <https://publicacoes-academicas.com>

E-mail: publicacoes.academicas2017@gmail.com

A Revisão Técnica e de Textos deste Livro, é de total responsabilidade dos autores

Ficha Cartográfica

C694

Coletânea de artigos científicos, numa perspectiva conceitual / Francisco Ricardo Almeida Amorim (editor/organizador), 2020.

V.1.

77p. II.

ISSN: 2527-0850

- Pesquisa 2. Coletânea 3. Artigos 1. Título

CDD: 001-42

PREFÁCIO

A presente coletânea, que reúne artigos de autoria de Pesquisadores na 7ª. Edição de 2020. É com grande satisfação que se deve a dois principais motivos. O primeiro pela natureza dos artigos, que abordam temas contemporâneos e relevantes no âmbito da pesquisa científica. O segundo, por ter tido a oportunidade de contribuir com a referida publicação, no sentido de estimular a pesquisa científica e a produção de conhecimento em um contexto que, cada vez mais, prioriza a inserção da qualidade acadêmica.

Os artigos aqui apresentados trazem pesquisas diretas, bibliográficas e/ou estudo de casos. A multiplicidade de olhares sobre essa realidade mutante é uma outra característica importante do livro. Da avaliação educacional, a importância da cultura, da diversidade, passando por temas recentes das diversas áreas do conhecimento, muito se tem a saborear nestas primeiras incursões analíticas destes jovens autores.

O objetivo desse breve texto de apresentação foi demonstrar o mérito da coletânea que, leitor começará a explorar. Mas quero aproveitar para parabenizar esses jovens autores pesquisadores e deixar uma palavra de estímulo para que seja o primeiro de muitos trabalhos futuros.

Prof. Dr. Ricardo Amorim

APRESENTAÇÃO

“O conhecimento e a informação são os recursos estratégicos para o desenvolvimento de qualquer país. Os portadores desses recursos são as pessoas.” (Peter Drucker)

A 7ª. Edição da Coletânea de Artigos Acadêmicos é resultado das pesquisas realizadas pelos pesquisadores, que aqui apresentam seus resultados oferecendo ao meio acadêmico um material científico-pedagógico que contemple a fundamentação teórica e metodológica e proponha reflexões nas áreas do conhecimento de diversas modalidades científica, bem como trabalhar as experiências vividas pelos autores.

Esta edição é a concretização do processo de aquisição do conhecimento e apresentação deste por parte dos autores, e que agora é transmitido e divulgado de forma concreta por meio científico. Contribuindo, assim, para a efetivação da premissa ao entender que a academia é um espaço de debate e envolvimento, com questões significantes da formação pessoal e profissional, a Revista Eletrônica Publicações Acadêmicas motiva a discussão científica, dignificando seus autores e colaboradores como cientistas engajados em transformar sua realidade social.

Esta é a sétima edição da revista que conta com a colaboração do GPT – Publicações Acadêmicas e de seus diversos colaboradores, entre eles professores e pesquisadores de diversas áreas de conhecimento. Vislumbrando a valorosa ação de se trabalhar de forma conjunta e promover o desenvolvimento das habilidades e competências na área de pesquisa e da reflexão acadêmicas.

Destacamos a importância dos autores para elaboração e publicação desta edição da revista, por compartilharem conosco suas pesquisas e experiências, contribuindo, assim para a formação acadêmica de outrem, ao tempo que esperamos propiciar a todos os leitores desta obra o interesse em participar ativamente dos debates sobre pesquisas que visem a construção de uma sociedade que respeite e valorize a existência da pesquisa e suas colaborações para o crescimento humano.

Organizador

AGRADECIMENTOS

O processo do conhecimento exige uma busca incessante por novas aprendizagens e perspectivas, este livro vem mais uma vez contribuir com o meio acadêmico com novas temáticas, buscando o que há de inovador e significativos em cada um dos campos de pesquisa aqui apresentados por professores pesquisadores que acreditam que é por meio da pesquisa que o conhecimento pode ser ampliado e difundido para um público ainda maior que busca por referenciais e novidades nas mais diversas áreas educacionais.

Existiu um esforço coletivo de vários professores dos programas de pós-graduação stricto sensu, lato sensu e graduação, que cuidadosamente foram selecionados, dispuseram de seu tempo e dedicação para escrever artigos ricos em informações, compartilhando suas experiências como alunos/pesquisadores. Além deles, agradecemos:

Ao **Instituto de Desenvolvimento Humano do Ceará - IDHC**, especialmente a todos os professores, a equipe de trabalho.

A equipe do Grupo de Pesquisa de Trabalho do periódico **Publicações Acadêmicas**, que apoiaram, viabilizaram este projeto e auxiliaram no processo de publicação.

Em especial o professor **Dr. Xavier Alfredo Silva Futi**, da Angola, que contribui na divulgação dos seus conhecimentos.

Por fim, gostaríamos de agradecer aos **professores e pesquisadores do Brasil e Angola**, que foram essencial para o aprimoramento e o conhecimento da produção científica.

Prof. Dr. Ricardo Amorim

SÚMARIO

A PARTICIPAÇÃO DOS ENCARREGADOS NA GESTÃO EDUCATIVA DOS FILHOS	07
O PAPEL DO PSICÓLOGO NO CONTROLO E DIMINUIÇÃO DOS NÍVEIS DE STRESS NAS ORGANIZAÇÕES MILITARES, SUAS REAÇÕES NO CUMPRIMENTO DAS MISSÕES E TAREFAS NA PROVINCIA DE CABINDA	22
FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS ALUNOS: UMA ANÁLISE DO RELACIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES ESCOLA – FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE FAZENDA RIO GRANDE	38
FORMAÇÃO DOCENTE: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTANCIA NA VIVÊNCIA DA TEORIA E DA PRÁTICA	52
GESTÃO NUMA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR COM ESCASSEZ DE RECURSOS	62

A PARTICIPAÇÃO DOS ENCARREGADOS NA GESTÃO EDUCATIVA DOS FILHOS: UM PAPEL FUNDAMENTAL DAS FAMÍLIAS. CASO COMPLEXO ESCOLAR ANEXA AO MAGISTÉRIO

José Zau Soca Comprido¹

Fernando André Pedro²

Maria Isabel Gime³

Xavier Alfredo d Silva Futi-Ph.D⁴

RESUMO: Este artigo tem como foco diagnosticar o grau de participação das famílias na gestão educativa dos filhos no Complexo escolar Anexa ao Magistério de Cabinda ano de 2019, o estudo partiu da seguinte indagação: *Qual tem sido o grau de participação das famílias na gestão educativa dos seus filhos?* No seguimento desta pergunta, percebeu-se que a família e a escola não colaboram nas funções da gestão participativa. A relação família – escola apresenta distorção de ambas instituições com perspectivas de imputar as responsabilidades uns aos outros, a família não possui clareza das normas reguladoras da convivência dos filhos na escola e os gestores escolares não criam projectos que visam atrair as famílias a fim de participarem no envolvimento educativo dos seus filhos (educandos). O processo ensino – aprendizagem concretiza-se de forma colaborativa de todos os intervenientes quando estes empreendem os esforços direccionados para a melhoria da qualidade de ensino, com satisfações de ver os educandos no progresso dos estudos e na compreensão da realidade social em que vive. Para tal concretização, deve-se buscar uma maior participação activa das famílias na educação e a escola deve buscar cada vez mais novas formas e técnicas para atrair facilmente a aproximação das famílias na gestão educativa.

¹ Mestrando em Metodologias Educativas no Instituto Superior de Ciências da Educação-ISCED-Cabinda.. Licenciado em Pedagogia opção Gestão e Inspeção no Instituto Superior de Ciências da Educação .Professor

² Mestrando em Metodologias Educativas no Instituto Superior de Ciências da Educação-ISCED-Cabinda. Licenciado em Ensino de Pedagogia ,opção Gestão e Inspeção Escolar Professor colaborador da escola superior politécnica de zaire/ Soyo, na categoria de Assistente Estagiário nas cadeira de Planificação e gestão escolar, Inspeção Educativa e Documentação e Informação.Email: Fernando-pedagogia41@hotmail.com.

³ Mestranda em Metodologias Educativas no Instituto Superior de Ciências da Educação-ISCED-Cabinda e Licenciada em Relações Internacionais politicas económicas na Universidade Privada de Angola.-UPRA .Possui o curso de Jornalismo e já trabalhou como jornalista na Radio Comercial de Cabinda e Radio Nacional de Angola.Email: Belagime1@gmail.com

⁴ Doutorado em ciências da educação pela a Universidad San Lorenzo (UNISAL) Paraguai em 2015, Mestrado em educação primária em Atlantic International University AIU/USA em 2011 e Licenciado em ensino da Matemática pela Universidade Agostinho Neto -UAN Angola em 2007. Docente nas cadeiras de Metodologia de investigação Científica, Metodologia de ensino da Matemática, Seminário de educação primária, Práticas Pedagógicas, Matemática Geral, Estratégias de Desenvolvimento de Habilidade Formação Profissional, nos níveis de Licenciatura e Pós-Graduação e faz parte do Departamento de Ensino e Investigação em Pedagogia. Categoria profissional: Professor Auxiliar. É docente nas Universidades 11 de Novembro no Instituto Superior Ciências da Educação-ISCED, Instituto Superior Politécnico de Cabinda-ISPCAB e Instituto Teológico Charles Harvey em Angola-ITECHA. Coordenador de Assuntos Científicos e pós-graduação do ITECHA. Já publicou mais de uma dezena de artigos em algumas revistas internacionais e coletâneas, autor e Co-autor de três livros na Novas Edições Académicas. Email: xasfuti@yahoo.com.br.

Palavras-chaves: Participação; Gestão Educativa; Famílias e Filhos.

ABSTRACT: This article focuses on diagnosing the degree of participation of families in the educational management of the Cabinda Attached Teaching Complex in 2019, this study started from the following question: What is the degree of participation of families in the educational management of their children? Following this question, it was realized that the family and school do not collaborate in the functions of participatory management, the family-school relationship, presents distortion of both institutions with perspectives to impute the responsibilities to each other, the family is not clear of the regulatory norms of the coexistence of children in school and school managers do not create projects that aim to attract families to participate in their children's educational involvement. The teaching-learning process is collaborative for all stakeholders when they make efforts to improve the quality of teaching, with the satisfaction of seeing students in the progress of their studies and in understanding the social reality in which they live. By way of this, to achieve this, greater active participation of families in education should be sought, and the school should increasingly look for new ways and techniques to easily attract the approach of families in educational management.

Key words: Participation; Educational management; Families and children

I-INTRODUÇÃO

O homem sempre viveu em estado social, em colectividade e cooperação. Sendo este um ser bio-psico-social, a sua participação na sociedade compromete um conjunto de actividades que o permite interagir com os outros. Neste processo de socialização, cada indivíduo é pertencente a um grupo, tribo ou clã que atualmente consideramos de família.

A família é uma instituição da sociedade, é aí onde nos ensinam as primeiras aprendizagens, os valores (o respeito, o amor, a responsabilidade) desde pequena idade, nos dá segurança e pertencer a um grupo de pessoas donde compartilhamos laços de sangue, momentos agradáveis e desagradáveis, nos sentimos protegidos.

Entende-se que a família é o conjunto de pessoas com relações de parentescos que vivem e convivem juntas, ou seja, grupos de pessoas formados pelos progenitores e seus descendentes. A família desempenha um papel fundamental na

formação do indivíduo e possibilita a constituição da educação do filho no âmbito integral. Para o Chinoy (2008, p. 223) a família tem como função social transmitir a criança normas e condutas, valores e crenças, requisitos da reprodução humana para a manutenção e continuidade da vida humana na terra. No entanto, a família é considerada a primeira instituição social formadora da criança e dela depende em grande parte a sua personalidade.

Para que o homem se realize é necessário que a família e escola assumem o seu papel verdadeiro de educar e preparar a criança para os desafios do mundo contemporâneo em diversas vertentes. Portanto, fala-se da relação família- escola, onde visa a preparação moral, psicológica e social para o bem da comunidade. Deste modo, este estudo partiu da seguinte indagação: *Qual tem sido o grau de participação das famílias na gestão educativa dos seus filhos?*

De acordo as exigências confrontadas no século XXI, onde inevitavelmente as famílias devem participar nas actividades educativas dos seus filhos, deparou-se que, ao decorrer da fase exploratória da pesquisa em conversas com os professores e membros da direcção que dirigem a escola em estudo, notou-se que há pouca participação das famílias no acompanhamento dos educando no processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, muitas famílias não assumem seu verdadeiro papel de encarregado de educação, pois a falta de interesse destes compromete a gestão educativa dos filhos. Isto é, poucas participação nas reuniões escolar, falta de acompanhamento dos pais na execução das tarefas orientadas pelo professor, não preparam devidamente a higiene corporal dos seus filhos, e noutras responsabilidades, o que provavelmente têm causado o baixo rendimento escolar.

Este panorama levou-nos a deduzir que ha necessidade das famílias a participarem activamente nas suas obrigações, deveres e responsabilidades educativas. Facto que motivou-nos em realizar a pesquisa, não somente no sentido de analisar as realidades familiares, mas tambem de prepará-las para assumir as suas

responsabilidades como um encarregados participativos no processo de gestão dos seus educando.

II- BASE TEÓRICA DE PESQUISA

II.1-FAMÍLIA

A concepção do conceito família tem sofrido alterações profundas, uma vez que a família tradicional está a ser substituída por alternativas familiares diversas, exigindo actualmente a mono parental.

O surgimento da palavra família se deu na Roma Antiga, conhecida em latim como “famulus”, que significava “o conjunto de empregados de um senhor”, isso era atribuído pelo fato de que a exploração dos escravos já era legalizada, ou seja, o termo família não pertencia somente ao casal e conseqüentemente a seus filhos, mas sim aos vários escravos que laboravam para a subsistência de seus parentes que se sentiam sob autoridade sobre eles (OLIVEIRA e SANTANA, 2015,p.6).

A família é considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social. O papel da família no desenvolvimento de cada indivíduo é de fundamental importância. É no seio familiar que são transmitidos os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem como as tradições e os costumes perpetuados através de gerações.

Do ponto de vista de Aranha (2004, p.6), a construção de uma sociedade inclusiva exige mudança de ideias e de práticas construídas ao longo do tempo. É importante se prover de cuidados e apoio à família e à comunidade, para que as crianças e adolescentes tenham condições favoráveis para um desenvolvimento saudável. Sabe-se, entretanto, que a família tem se encontrado historicamente, numa posição de dependência de profissionais em diferentes áreas de conhecimento, no sentido de receberem orientações de como proceder em relação às necessidades especiais de seus filhos.

É muito comum ver famílias em movimentos, em busca de serviços diferentes, constata-se que a relação entre a família e profissionais tem sido no âmbito do poder das decisões do que é melhor para seus filhos. Faz-se necessário que a família construa conhecimentos sobre as necessidades específicas dos filhos, bem como desenvolva competências de gerenciamento do conjunto dessas necessidades e potencialidades. É importante que os profissionais desenvolvam relações interpessoais saudáveis e respeitadas, garantindo assim maior eficiência no alcance de seus objectivos (ARANHA, 2004, p. 7).

Para o autor, « a família precisa construir padrões cooperativos e colectivos de enfrentamento dos sentimentos, de análise das necessidades de cada membro e do grupo como um todo, de tomada de decisões, de busca dos recursos e serviços que entende necessário para seu bem-estar e uma vida de boa qualidade», é essencial que se invista na orientação e no apoio à família, para que esta possa melhor cumprir com seu papel educativo junto aos seus filhos.

O ambiente familiar é um local onde deve existir harmonia, afecto, protecção e todo o tipo de apoio necessário na resolução de conflitos ou problemas de algum dos membros. As relações de confiança, segurança, conforto e bem-estar proporcionam a unidade familiar.

II.2-GESTÃO EDUCATIVA

A organização e a gestão do trabalho escolar constituem um conjunto de práticas, imbricadas e ancoradas em opções políticas, que viabilizam as condições e meios utilizados para assegurar o bom funcionamento da instituição escolar, de modo que se materializem as metas, proposições e objetivos esperados. (SILVA E LIMA, 2009, p. 244).

Porem, durante anos, consideramos que os aspectos relacionados à organização e à gestão dos estabelecimentos educacionais não tinham relações com suas propostas pedagógicas. Hoje, reconhecemos a implicação que certas decisões, aparentemente “administrativas”, promovem no desenvolvimento da autonomia das

crianças e na qualidade do relacionamento com os familiares (BARBOSA, 2009, p.15).

Os aspectos relacionados a gestão educativa eram inquestionáveis por causa do seu percurso naturalista. Hoje, a evidência da articulação entre a dimensão pedagógica e a gestão vem definindo que os princípios que embasam a gestão precisam ser os mesmos da proposta pedagógica.

“A gestão educativa é um processo que visa gerir, organizar, dirigir e acompanhar as actividades de aprendizagem dos alunos no contexto escolar. Assim, na escola, gere-se a assimilação dos conteúdos, o tempo, os recursos financeiros, o calendário, os valores éticos e cívicos e outros” (op. cit. p.18).

Em função dos textos lidos, deduzimos que a gestão educativa é o planeamento das actividades educativas organizado pelos professores, encarregados, alunos e outros agentes da relação pedagógica para obtenção de bons resultados.

Barbosa, (2009, p.30) afirma que a gestão de uma escola de educação infantil defronta-se com a exigência de considera-la um estabelecimento de educação e que todas as pessoas envolvidas no processo educacional, independente de cuidado em todos os seus espaços e relações. A expectativa de seus cargos ou funções, tenham respeitado seu direito à participação em um ambiente que vive e valoriza a democracia, tem como intenção enfrentar o desafio e garantir a diversidade pessoal, social e cultural quanto preservar e constituir um espaço de pertença e construção de singularidade.

Os seres humanos, grandes ou pequenos, necessitam de um ambiente acolhedor, alegre e promotor do prazer de viver em comunidade. A gestão da Escola da Infância cumpre importante função ao priorizar o bem-estar para todos como modo de garantir às crianças e adultos uma experiência de vida sustentável.

A educação infantil que pensamos é um espaço educacional no qual os adultos – director, coordenador, professores e demais profissionais – se sintam comprometidos com uma iniciativa colectiva, pensada e realizada com intencionalidade educacional e, portanto, voltada para atender as necessidades das crianças, oferecendo experiências significativas que estejam ao seu alcance. As crianças pequenas são também autores desse empreendimento porque reagem às provocações sociais e físicas desse espaço, aceitando, rejeitando, transgredindo e

propondo transformações, ao seu modo, no processo organizacional, (BARBOSA,2009, p.38).

A organização do trabalho pedagógico envolve desde a forma de projectar e mediar o relacionamento entre os profissionais – docentes e não docentes – e os pais ou familiares, o planeamento, o espaço e o tempo, as rotinas e o brincar, até as estratégias pedagógicas que permitem aos professores acompanharem todas as etapas do quotidiano na educação infantil.

É imprescindível, no dia-a-dia com as crianças pequenas, criar oportunidades para que os professores possam reflectir sobre a intencionalidade educativa dos seus fazeres, tendo em vista romper tanto com práticas excessivamente adulto cêntricas, directivas esvaziadas de sentido, quanto com práticas que “abandonam” as crianças a si mesmas. Uma das características que acentua a intencionalidade pedagógica é poder explicar e compreender os motivos para a selecção das actividades, dos materiais, das brincadeiras – seus modos de apresentação e realização – e das formas de preparação dos recursos e dos grupos.

Explicitar a intencionalidade educativa possibilita ao professor, no quotidiano, através do planeamento e registo de suas actividades, oportunizar que as crianças pequenas aprendam e se desenvolvam nas suas múltiplas possibilidades. Ressignificar o currículo é aprender a construir perguntas para a prática, compreendê-las, interrogá-las e reconstruir, com as crianças e a comunidade escolar, outras respostas pertinentes mesmo que provisórias (Barbosa 2009, p.88).

II.3-RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

Historicamente, o papel da família na educação dos filhos assumiu um lugar

Central. Além das normas, valores, crenças, filosofias e regras veiculadas pela família é também esta instituição uma das principais responsáveis pela socialização das crianças no contexto escolar (SILVA & LIMA, 2009, p.240).

A relação entre a Escola e Família passou por mudanças ao longo do processo de ensino. Actualmente a sociedade presencia muitos acontecimentos que estão gerando mudanças radicais na estrutura socioeconómica da população e, com isto, automaticamente, desencadeando vários problemas a nível familiar, muitas vezes

influenciando nas actitudes dos filhos na escola. Sendo a escola o ponto de encontro de crianças provenientes de todos os níveis sociais, e estas se encontrando em fase de adolescência, apresentam em algumas ocasiões agressividade gerada por deficiências ocorridas em suas residências quer de ordem social, financeira ou de comportamento dos familiares (SANTOS, 2016, p.3).

Esses fatores, são vistos como indicadores do fracasso escolar e violência entre alunos e professores. Por estas razões, quando se busca o envolvimento numa educação democrática, pensa-se logo na inter-relação entre a família e a escola. É importante ambas as instituições desenvolverem um trabalho conjunto na elaboração de estratégias de acções pedagógicas para mitigar os problemas da indisciplina escolar e do baixo rendimento escolar que viemos notando nestes últimos anos.

A família é uma instituição de extrema importância na formação da personalidade educativa do individuo no que se refere dos valores éticos e morais, bem como na educação formal e informal da criança.

Falar sobre o papel da escola e o da família é a condição principal para destacar as diversidades de comportamentos distorcidos apresentados pelas crianças no seio escolar e que afetam o processo ensino-aprendizagem.

II.4-PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NA GESTÃO EDUCATIVA

Falar da participação familiar no dia-a-dia em contexto escolar é, um privilégio para ganhar em ambas as instituições, visto que, os percursos deste processo são os alunos, os professores e o processo ensino-aprendizagem.

Silva e Lima (2009, p.246) dizem que raramente nos deparamos com pais que se surpreendem diante de posturas assumidas pelos filhos na escola, como se estivessem conhecendo outras facetas de sua prole. Por outro lado, professores se surpreendem em seus papéis, ao incorporarem funções que não consideram sua responsabilidade. Configura-se, pois, a idealização por parte de vários sujeitos: professores, alunos, pais ou responsáveis que depositam expectativas uns nos outros, gerando insatisfações e distanciamentos.

Lei de Base 17/16 no artigo 10º sobre a democratização subscreve-se que, o sistema de educação e ensino tem carácter democrático, pelo que, sem qualquer distinção, todos os indivíduos directamente envolvidos no processo ensino e aprendizagem, na qualidade de agente ad educação ou de parceiro (a família), têm o direito de participar na organização e gestão das estruturas, modalidades e instituições afectas a educação, nos temos regulamentadas para cada sistema de ensino.

Nesta perspectiva, quando tratamos da gestão participativa escolar, parte-se do conceito do envolvimento de todas entidades ligados a educação da criança. Para construir a participação das famílias na escola e na vida escolar dos alunos, parte do pressuposto constituinte do trabalho de planificado da escola como órgão responsável na gestão dos sistemas que visam aumentar conhecimentos nos educandos e velar pelas suas competências de comunicação, de leitura, de escrita, de reflexão e de argumentação advindas por base das estratégicos-pedagógico programadas pela escola.

Criar e incentivar a participação e envolvimento das famílias é uma maneira bastante efectiva de obter uma comunidade escolar inclusiva e que conta com a participação concreta e produtiva de todos os membros.

No nosso contexto social, cada escola possui as suas características, por isso, é possível que cada uma tenha também a liberdade de criar suas próprias estratégias e políticas de relacionamento entre instituições, alinhadas as propostas educativas e valores da escola. Vale destacar que o casamento entre as duas instituições deve ser construído de maneira democrática, para que a aproximação da família ocorra de forma adequada de modo a suscitar o alto rendimento escolar esperada por parte de alunos.

Independentemente dos meios que cada escola encontra para melhorar a comunicação escolar, a verdade é que a cooperação e o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos faz uma diferença real e a criança exerce maior engajamento e motivação com a vida escolar e com o próprio aprendizado.

III-FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para a realização do presente artigo, destacam-se a consulta bibliográfica em livros, artigos, dissertações eletrônicas que permitiu vislumbrar teorias e conceitos relacionados a abordagem do tema em estudo, também utilizou-se, como técnica um questionário que permitiu conhecer a realidade ocorrida no contexto da escola pesquisada. Ainda foi necessário fazer uma análise do contexto familiar, onde buscou-se entender como pensam as famílias quanto ao seu papel no processo escolar dos seus filhos, porque não se pode abordar esta temática sem compreender o que ambas entidades pensam a respeito da importância na participação no desenvolvimento do aprendizado dos educandos.

IV- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no complexo escolar anexa ao magistério, com uma participação dos encarregados de alunos do subsistema do ensino primário e I ciclo do ensino secundário e membros de direcção da mesma instituição em prol ao ano lectivo 2019.

Neste âmbito foi necessário realizar um questionário, através de perguntas semi-abertas, em que os inqueridos escolhem uma opção pré-estabelecida e sustentam a razão das suas escolhas em busca da compreensão do modo como as famílias têm intervindo na participação da vida escolar dos filhos no processo ensino-aprendizagem.

IV.1-QUESTIONÁRIO DIRIGIDO PARA OS ENCARREGADOS DA EDUCAÇÃO

Os encarregados de educação tem participado activamente na gestão educativa dos seus filhos?

Perante a resposta dos resultados obtidos na pesquisa relacionada a pergunta, demonstram-nos que dos 20 questionados, 14 encarregados afirmam que a pouca participação no processo de escolarização dos seus filhos, alegando que a falta de tempo, acesso de trabalho elabora e falta de notificação antecipada pela direcção escolar.

Os encarregados tem colaborado na toma de decisões educativas na escola?

Dos 20 encarregados questionados, todos alegam que não colaboram nas tomadas de decisões educativas na escola, porque a direcção escolar não convoca os encarregados aos encontros ou reuniões escolares correlacionadas com a organização escolar.

Os encarregados conhecem o regulamento interno da escola?

Dos 20 encarregados questionados, todos alegam que desconhecem as normas que regulam a convivência dos seus filhos no seio da escola. porque afirmam não terem acesso destas normas.

Os gestores escolar criam projectos que visam atrair os encarregados a participarem no envolvimento dos seus filhos?

As vezes somos convidados a participar nas reuniões dos encarregados de educação promovidas pela direcção escolar no começo das actividades educativas isto é, no mês de Fevereiro e no término das actividades educativas no mês de Novembro. Logo pode-se afirmar que a direcção escolar poucas vezes cria projectos para atrair os encarregados a participarem no envolvimento dos seus filhos.

IV.2-QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS MEMBROS DA DIRECÇÃO ESCOLAR.

Os encarregados tem acompanhado activamente os seus filhos na escola?

A direcção escolar alegam que os encarregados não acompanham activamente os seus filhos na escola, isto é, poucas participações nas reuniões escolar, falta de acompanhamento dos pais na execução das tarefas orientadas pelo professor, não preparam devidamente a higiene corporal dos seus filhos, e noutras responsabilidades.

Os gestores escolar criam projectos que visam atrair os encarregados a participarem no envolvimento das actividades escolar dos seus filhos?

Nesta questão os membros da direcção reconhecem que poucas vezes convidam os encarregados a participarem activamente no envolvimento dos educando, porque existia momentos em que eram convidados e grande parte dos encarregados não aparecia, facto que motivou o fraco envolvimento destes, excepto as reuniões educativas.

Tem disponibilizado as normas internas da escola aos encarregados dos educandos?

A respeito desta questão os membros da direcção afirmam que não disponibilizam as normas internas da escola aos encarregados, mas as mesmas são disponibilizadas na vitrine escolar e dentro das salas de aulas.

V-TRIANGULAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa em estudo permitiu entrar na profundidade das situações vividas pelas famílias e conhecer a profundeza das suas dificuldades em acompanharem o processo escolar dos filhos. Visto que a educação é um processo que precisa o envolvimento de todas as entidades que velam sobre as crianças. Hoje o maior propósito da entidade escolar é construir uma inter-relação com as famílias cujo o objetivo é capacitar as acções das famílias e estimular os na construção do conhecimento e aprendizado das crianças, com vista a reduzir o índice de reprovação e do fracasso escolar observado naquela escola.

Para o conhecimento das situações reais das famílias, era importante conhecer o perfil das famílias dos envolvidos a partir de um estudo de viabilidade na forma da apresentação dos alunos no contexto escolar, por ser a instituição primária na formação das condições estudantil do indivíduo. Assim, constatou-se que, a maioria famílias constituídas como parceiros do complexo escolar Anexa ao Magistério são da classe média. Por esta razão, alega-se que pelas ocupações laborais a maioria dos pais não têm tempo para acompanharem a escolaridade dos filhos e sobre carregando toda responsabilidade aos professores e a escola no geral.

Neste sentido, houve muitas dificuldades na realização e desenvolvimento do trabalho. Pois, a maioria dos pais trabalham o dia todo e as crianças mais velhas é que tomam a responsabilidade dos menores.

Os resultados obtidos na pesquisa relacionado a temática nos demonstram que a participação das famílias no processo de escolarização é mídcre. Do mesmo modo constatou-se a uma fraca colaboração entre pais professores e gestores escolares na construção do conhecimento das crianças.

Na perpectiva dos membros de direcção, muitas das vezes as famílias só aparecem quando são convocados pelos professores por alguma circunstância ocorrido nos seus educandos e outro os pais aparecem quando é marcado uma reunião no âmbito do conhecimento do rendimento escolar dos seus filhos. Factos como estes, demonstra a dissociação existente na gestão democrática exigida em ambas instituições responsáveis pela educação das crianças. Por isso, só pode haver produtividade e eficiência, se todos os intervenientes deste processo trabalharem em colaboração para o sucesso do aluno.

Ainda na análise dos dados, no que diz respeito às reuniões de pais e professores, é importante salientar o estudo não foi levantada para indicar o culpado ou certo e errado das entidades intervenientes ao processo educacional da criança, mas sim, conhecer seus progressos e dificuldades, discutir melhorias dar soluções dos problemas. E, os pais terem a clareza da importância na participação educativa dos seus filhos, porque que as famílias e a escola devem educar juntos para a criação de um verdadeiro cidadão capaz de assumir os desafios trazidos a esta sociedade.

A realidade apresentada, no que diz respeito a análise do questionário aos pais e professores, pode-se observar atentamente que:

- 1- A família e escola não colaboram-se verdadeiras nas funções da gestão participativa, tal como, as teorias pedagógicas, possibilitam a participação dos pais na administração educativa dos filhos de modo a favorecer e facilitar a educação dos filhos, exigindo dos professores maior responsabilidade nas suas práticas educativa;
- 2- Na relação família – escola, vê-se a distorsão de ambas instituições com a perspectivas imputar as responsabilidades uns aos outros. Para que isso acontece é preciso que as responsabilidades sejam especificadas por cada entidade e construir os conhecimentos das crianças de modo coletivo, partindo duma relação mútuo e de um diálogo permanente;
- 3- Não existe paradigma de família unificada, mas sim famílias diversificas nos contextos singulares; uma vez que cada família possui características particulares na vertente educativa, económica e financeira para a sustentabilidade dos seus filhos;

- 4- A família não tem clareza das normas reguladoras da convivência dos filhos na escola, porque só frequentam este seio escolar quando são convidados por algum acontecimento ou para conhecimento do rendimento escolar da criança;
- 5- Os gestores escolares não cria projectos que visam atrair as famílias para participarem no envolvimento educativo dos seus filhos;
- 6- A pesquisa ilustra-nos que a relação família-escola é decisiva para o rendimento escolar das crianças.

VI-CONCLUSÃO

Ao longo da abordagem desta pesquisa, percebeu-se que, as teorias consultadas não forneceram apenas informações necessárias para a construção do artigo, mas sim, permitiram afirmar e reafirmar tudo quanto está relacionado com os saberes e conhecimentos necessários para famílias no cumprimento da gestão participativa na educação dos seus filhos.

Por isso, os resultados do diagnóstico feito na abordagem deste artigo permitem assegurar que ha poucas participação dos encarregados nas reuniões escolar, falta de acompanhamento dos encarregados na execução das tarefas orientadas pelos professores e outras responsabilidades. De acordo as insuficiencias apresentados, é importante existir uma parceria, que visa esclarecer o papel dessas duas instituições. Assim sendo, a escola deve buscar cada vez mais novas políticas educativas para atrair a participação das famílias na gestão educativa dos seus filhos afim melhorar o rendimento escolar.

VII-REFERENCIAS UTILIZADAS.

ARANHA, Maria Salete Fabio. Educação Inclusiva: Transformação Social ou Retórica. In: Sadao Omote. (Org.). Inclusão: intenção e realidade. 1 ed. Marília (SP): FUNDEPE, 2004, v. p. 3760.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Práticas Quotidianas na Educação Infantil: Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares –Brasília, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de bases do sistema educativo angolano. Lei de bases 17/16. 2016.

OLIVEIRA, Clara Vanessa Maciel de e SANTANA, Rocha. A Família na Atualidade: novo conceito de família, novas formações e o papel do ibdfam (INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA). TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO. Aracaju 2015.

SANTOS, Divanei Ferreira dos. O papel da família na gestão escolar e os reflexos desta participação na aprendizagem do aluno, 2016. Disponível em <https://www.webartigos.com>

SILVA ,Maria Vieira & DE LIMA, Lucianna Ribeiro A participação da família na escola Contribuições à democratização da gestão. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, n. 4, p. 239-252, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

O PAPEL DO PSICÓLOGO NO CONTROLO E DIMINUIÇÃO DOS NÍVEIS DE STRESS NAS ORGANIZAÇÕES MILITARES, SUAS REAÇÕES NO CUMPRIMENTO DAS MISSÕES E TAREFAS NA PROVINCIA DE CABINDA

Xavier Alfredo da Silva Futi-PhD⁵
Fernando Bumba-PhD⁶

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre O papel do psicólogo no controlo e a diminuição dos níveis de stress nas organizações militares, suas reações no cumprimento das missões e tarefas na província de Cabinda. O objetivo principal desta investigação é analisar o papel do psicólogo no controlo e diminuição dos níveis de stress nas organizações militares e as reações no cumprimento das missões e tarefas que lhes são confiadas. A pesquisa foi conduzida através das indagações que vão surgindo nas populações face o determinado comportamentos que alguns militares apresentam fora das unidades militares. Através do grupo de discussão, acumulamos aqueles com mais facilidade tivemos acesso, por ser também nossos estudantes, conseguimos de explorar informações a volta da pesquisa em causa. Nesta, concluiu-se que, O nível de emoção no seio dos militares, apesar de ser calmo, alguns deles declaram terem um comportamento totalmente agitado face as atividade que lhes é responsabilizadas. Assim, a maioria vive do estado de agitação, sempre que é indicado por uma missão.

Palavras – Chave: stress; organizações militares; reações no cumprimento das missões e tarefas.

⁵ Doutorado em ciências da educação pela a Universidad San Lorenzo (UNISAL) Paraguai em 2015, Mestrado em educação primária em Atlantic International University AIU/USA em 2011 e Licenciado em ensino da Matemática pela Universidade Agostinho Neto -UAN Angola em 2007. Docente nas cadeiras de Metodologia de investigação Científica, Metodologia de ensino da Matemática, Seminário de educação primária, Práticas Pedagógicas, Matemática Geral, Estratégias de Desenvolvimento de Habilidade Formação Profissional ,nos níveis de Licenciatura e Pós-Graduação e faz parte do Departamento de Ensino e investigação em Pedagogia. Categoria profissional: Professor Auxiliar. É docente nas Universidades 11 de Novembro no Instituto Superior Ciências da Educação-ISCED, Instituto Superior Politécnico de Cabinda-ISPCAB e Instituto Teológico Charles Harvey em Angola-ITECHA. Coordenador de Assuntos Científicos e pós-graduação do ITECHA. É publicador de mais de uma dezena de artigos em algumas revistas internacionais e coletâneas, autor e Co-autor de três livros na Novas Edições Académicas. Email: xasfuti@yahoo.com.br.

⁶ Doutorado em Currículo, Professorado e Instituições Educativas pela Universidade de Granada-Espanha. Mestre em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores Pelo Instituto Superior de Ciências Educativas- Odivelas em Portugal. Pós- Graduado em Supervisão e Gestão Educativa pelo mesmo Instituto. Licenciado em Ensino de Psicologia pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Cabinda da Universidade Agostinho Neto-Angola. Categoria profissional: Professor Auxiliar. Docente no Instituto Superior de Ciências da Educação ISCED-Cabinda, Universidade 11 de Novembro colocado no Departamento de Ensino Em Psicologia. Email: feitobumba@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, sempre que se pergunta em alguém, como vai a vida, a resposta é sempre ahhh, deixa só, mais ou menos, epaaaa..esta tudo bem mesmo , mas estou muito stressado. Assim também são os militares, que no cumprimento das suas missões passam por várias vicissitudes, é bafo dos chefes, colegas e tantos outros problemas que podem enfrentar ao longo de suas tarefas.

Cada dia para eles é sempre uma eternidade, depoimentos recolhidos ao longo da nossa investigação, por alguns relatos já pensaram em abandonar o trabalho militar, mas quando se pensa, nas famílias não existe outro emprego, então deixa aguentar assim. Se eu for a deixar o que vou fazer? Então esse é a vida de muitos, conformados e inconformados que estão incorporados nas organizações militares na província de Cabinda em Angola.

Servir o exército é mais do que uma escolha ocupacional sendo uma opção que reflete em todos os aspetos da vida, exigindo um alto nível de compromisso, dedicação e sacrifício das necessidades familiares e pessoais para cumprir a missão a que se propôs, o cumprimento de missões requer que o militar percorra a todo país a fim de proteger os interesses da nação e manter a paz e reconciliação nacional. Ao falarmos de Stress temos de ter em conta o estado geral de um indivíduo, pela percepção de estímulos que provocam situações emocionais, a relação com o meio, problemas internos ou externos e a condição social. É nessa linha de reflexão que se fez o presente estudo cujo título é “O papel psicológico no controlo e diminuição dos níveis de stress nas organizações militares, suas reações no cumprimento das missões e tarefas, na província de Cabinda”.

Este estudo oferece uma especial atenção virada ao comportamento no que toque a prontidão dos militares no cumprimento das suas ações. Certamente sentimo-nos motivados na escolha deste tema pelo facto de constatarmos um desequilíbrio emocional por parte de alguns militares, ou seja, a resposta do stress e o resultado de interação entre características das pessoas e a demanda do meio.

As situações ambientais também podem ser provocadores de stress nesta vertente é de salientar que as relações sócias são intrinsecamente, ou seja, elas unem-

se de forma como o indivíduo se comporta influência a resposta social que vai obter, o comportamento do indivíduo levará menor ou maior risco de expor-se a ventos da vida cotidiana. Por ser uma situação que pode comprometer as futuras gerações, família e sociedades requer-se uma reflexão e tomada de atenção ao comportamento ligado a disposição dos militares quanto a sua forma de ser e de agir no meio social. O estudo deste tema é de grande relevância que visa trazer consigo soluções de problemas na dimensão política e social da natureza de stress que tem assolado este meio.

O stress em grande medida depende da forma como um indivíduo filtra e processa a informação e a sua avaliação sobre as situações ou estímulos considerando como relevante aterrorizante e agradável. Normalmente as operações militares são stressante devido à complexidade do mesmo e nem sempre voltam com vida e não obstante sem direitos a feriados nem final de semana, uma vez que a defesa é uma tarefa muito árdua ininterrupta e para cumpri-la inclui o sacrifício da própria vida bem como estar longe das suas famílias sem tempo de convívio e nem consolo, pois sem os seus filhos em momentos que mais precisam deles, nunca estão disponíveis tal como o dia internacional da criança bem como o natal, os aniversários e datas importantes do país, estes devem estar de prevenção aquartelada para que a população comemore com toda segurança. Surge aquele remorso de querer ter uma vida normal e um trabalho razoável onde será possível observar feriados, convívios familiares, é a falta destes pressupostos que têm causado frustração e stress ate mesmo hipertensão arterial uma vez que a suas esposas suportam tanta saudade e ansiedade, ou seja, algo que possuem e nunca estão ao seu alcance.

Dada complexidade da província de Cabinda, sendo ela portadora de uma floresta muita densa onde o dever patriótico é de salvaguardar a soberania nacional bem como a livre circulação de pessoas e bens onde a segurança não é somente a província de Cabinda, mas também do Miconge ao Yema e de Zenze-lucula à Massabi.No entanto, apesar das tensões associadas ao serviço militar e as missões em particular bem como a possibilidade de deterioração de relações tem sido difícil encontrar evidencia de que o stress militar seja realmente responsável por problemas no subsistema.

De facto ao longo de um período em que as exigências militares têm aumentado significativamente, as missões representam um esforço preponderante para o membro alistado por isso, reconhecemos os principais desafios e dificuldades subjacentes ao serviço militar em concordância com aquilo que tem o principal obstáculo mental para os militares, ou seja, as consequências negativas do serviço militar tem recebido mais atenção dos tempos, devem notar-se as mudanças e relacionais decorrentes na participação nacional.

No estudo realizado constatou-se que: A falta de acompanhamento psicológico por parte dos Órgãos de tutela é um empecilho para que o militar não se sinta estável e animado no cumprimento de suas tarefas; o afastamento por tempo indeterminado de suas famílias sem às vezes definir o período das suas missões; as expectativas vividas no decorrer das missões e tarefas militares, a ansiedade de um dia à sociedade são e salvo sem mazelas vividas nas missões militares; Transferências repentinas; Falta de consideração e elogios dos soldados simples por parte do chefe; Subcarga de trabalho (tarefas); A má interpretação das decisões do chefe, assim como os colegas diante de um problema; O desconforto, todos estes fatores estudados fundamenta este artigo com um problema de investigação: **Qual é o papel psicológico no controlo e diminuição dos níveis de stress nas organizações militares, suas reações no cumprimento das missões e tarefas que lhes compete?**

Assim, podemos hipoteticamente afirmarmos que, o serviço militar é uma profissão difícil de ser exercido na medida em que o stress tem sido um dos fatores que toma conta a cada componente deste grupo de trabalho.

Com base ao problema estudado, perspetivamos estudar os seguintes objetivos neste:

Analisar os fatores que contribuem na aparição do stress nas organizações militares na provincia de Cabinda.

Estudar as atitudes dos militares no desempenho das suas tarefas, compreender o nível de prontidão combatível durante o cumprimento das suas missões, identificar as formas de sociabilização dos militares dentro da comunidade.

Contribuir através de ações psicológicas educativas na diminuição dos níveis de stress, durante o cumprimento das suas tarefas.

ABORDAGEM TEÓRICA DA INVESTIGAÇÃO

Neste artigo abordamos vários aspetos como sendo elementos fulcrais no enquadramento de um militar, no cumprimento das suas missões e tarefas e um desses aspeto é o papel do psicólogo nesse processo, as ações educativas que podem servir de apoio a vida de um militar, também analisar o stress no seu verdadeiro sentido. O que é? Porque existe? E como são as suas reações? Assim são tantas perguntas que pairam, na caminhada deste artigo, através do assunto levado em investigação.

Ao diagnosticarmos as reações de stress no cumprimento das suas tarefas, não podemos se antes não descrevermos os conceitos chaves que contemplam o objeto de estudo. Estes conceitos são: Reações, Stress, Missões, Militar e o papel psicológico.

Stress segundo a definição do dicionário Aurélio, “é o conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa e outras capazes de perturbar-lhe a homeostase”. A tensão emocional e física, sentida, constantemente, leva ao estado de stress. “Este estado vai se instalando lentamente e, quando nos damos conta já estamos stressados” (DELBONI apud SANTOS e MARTINS 2008, p.1).

Segundo Fontona e Reda (2005) stress é uma exigência imposta sobre as capacidades de adaptação da mente e do corpo. É de salientar que mesmo com estas definições todas sobre o que vem a ser o stress, chego na conclusão de que o stress é o que acontece a alguém mas como uma pessoa percebe o que acontece a ela. Se não, como poderíamos explicar o facto de duas pessoas reagirem de forma diferente a uma mesma situação. Quando a pessoa está stressado ela apresenta alguns sintomas que serão descrito a seguir:

A ansiedade é o fator mais comum nas pessoas stressadas. As pessoas ficam tensas em reações a sentimentos de medo e ansiedade e, muitas vezes, sem perceber, elas fazem uma contração muscular intensa. A tensão muscular segundo Delboni(1997) é um dos grandes sintomas do stress. Outros sintomas frequentes são o desânimo e a desmotivação, provocados pela falta de perspectivas em solucionar

problemas. Intensas cansaços mentais, distúrbios do sono, como insônia, sono excessivo ou sono agitado, podem indicar um processo de stress.

Cansaço físico, alto grau de irritabilidade, cefaléias frequentes, profundo sentimento de solidão e desamparo, fragilidade, dificuldade para concentrar-se em uma atividade, diminuição do desejo sexual(em alguns casos pode ocorrer disfunções sexuais, como impotência, frigidez e ejaculação precoce), dificuldades em organizar ideias, em construir uma linha de pensamento lógico e assertiva, frequentes dores nas costas provocadas por tensão e espasmos etc. Tudo isso tem certa influência na vida de um militar, a na medida em que este é um ser humano, uma pessoa que age através de estímulos do seu meio circundante exercendo nele uma pressão psicológica.

Segundo Richelle citado por Doron e Parot (2001, p.182), reação “é atividade de um organismo que sobrevém como resposta a um fator externo ou interno identificável”. Podem distinguir-se em dois modos eliminatórios de reações, um modo ativo associado a uma ativação simpática e um meio. Passivo, associado a uma ativação do sistema hiperfísico – cortiço–suprarrenal (conservação retirada).

Missão “É um encargo uma incumbência, um propósito, é uma função específica que se refere a alguém para fazer algo, são tarefas atribuídas a um determinado indivíduo ou grupo com intuito de realizar ações inerentes ao objetivo pretendido”. (BARBUDO, 2013, p.7)

Segundo Punke citado Barbudo (2013, p.4) “o cumprimento de missões requer que o militar percorra o mundo ao fim de proteger os interesses da nação e manter a paz mundial”. Como tal, as missões são uma forma de vida para famílias militares que se vêem muitas vezes obrigadas as deslocalizações geográficas com o pouco aviso prévio e raramente ocorrem sem consideráveis sacrifícios pessoais e relacionais. Neste sentido uma das grandes especificidades que a vida militar confere é a frequente separação e isolamento da família, cônjuge, amigos e sociedade alargada. Tal pode originar tensões únicas, tanto para família, como em particular para relação conjugal, sendo que na maior presença de apoio social (familiares, amigos, outros cônjuges ou apoio de grupos formais).

O termo militar se refere aos membros, instituições, instalações, equipamentos, veículos, e tudo aquilo que faz parte de uma organização autorizada a usar a força geralmente incluindo o uso de armas de fogo, na defesa do seu país através da luta real ou de ameaças percebidas. Como adjetivo o termo militar também é usado para se referir a qualquer propriedade ou aspecto dessas organizações. As organizações militares funcionam muitas vezes como uma sociedade no seio das sociedades, tendo suas próprias comunidades militares, a economia, educação, medicina e outros aspectos de funcionamento de uma sociedade civil.

Na era moderna, as guerras mundiais e inúmeras outras grandes conflitos mudaram o emprego das forças militares muito além do que reconheciam seus membros em outros tempos. Impérios surgiram e desapareceram, os estados têm crescido e declinado. Enormes mudanças sociais têm sido feitas e o poder militar continua dominar as relações internacionais. O papel dos militares de hoje é tão central para as sociedades globais como sempre foi.

Segundo Joseph, Afifi e Lapp citado por Barbudo (2013), a missão que corresponde ao período da partida do militar de casa até, sensivelmente ao término do primeiro mês da missão, caracterizando-se por um turbilhão de emoções e na qual algumas esposas de militares relatam sentirem-se desorientadas e oprimidas, enquanto outras se sentem aliviadas.

Enquanto o militar se encontra geograficamente distante da sua família, o cônjuge passa acarretar com as responsabilidades financeiras que antes eram compartilhadas, verificando-se mudanças ao nível das rotinas domésticas, papéis e responsabilidades tentam manter-se ocupado e gerir as suas necessidades pessoais (tempo próprio) podendo procurar apoio de outros cônjuges de militares em missão.

O STRESS NA ATIVIDADE MILITAR

O stress está presente na vida do militar e pode influenciar de maneira decisiva no seu comportamento dentro e fora de sua atividade profissional. O militar, pela natureza do seu trabalho, expõe o profissional a constantes desgastes físico, mental e emocional em sua prática profissional diária. A atuação em ambiente desumano, complexo e hostil está entre os fatores que contribuem para este fenómeno.

A convivência diária com a injustiça social, violência urbana e, sobretudo, com o risco de matar ou morrer no atendimento a ocorrências, influencia

consideravelmente o comportamento, as decisões e a forma de ver, ouvir e entender as realidades da vida. Entretanto, o militar não é o único que sofre as consequências do estresse provocado pelo seu trabalho.

No ambiente familiar, o membro da corporação militar tende a desligar as emoções em relação a sua família e, é levado a um processo de afastamento e procura de relações fora de casa. Na rua, alguns podem extravasar suas frustrações sobre os cidadãos tornando-se arbitrários, agressivos e grosseiros. Alguns estudos apontam o estresse e outros problemas emocionais ligados a militar como sendo um dos responsáveis pelo alto índice de suicídio, divórcio e alcoolismo no meio social.

Com efeito, que o militar é uma das ocupações mais estressantes quando comparado a outras atividades, sendo que os militares apresentam diversas doenças relacionadas ao estresse da prática profissional. No trabalho diário, o militar encontra alta taxa de adrenalina estando sempre preparado para agir. À medida que aumenta o nível de tensão, aumenta também o nível de vigilância e de expectativa, passando a estar pronto para agir a qualquer instante de maneira enérgica.

O militar vive sob pressão constante e em consequência, sofre alteração no seu padrão normal de pensar e agir, além de apresentar dificuldades para estabelecer prioridades ocasionando Sensações de hesitação, visão estreita, raciocínio confuso e ilógico que passam a fazer parte do seu dia-a-dia.

EFEITOS PSICOSOCIAIS NA VIDA DO MILITAR

No trabalho militar, o atendimento das ocorrências se faz com equilíbrio, usando a força de forma moderada apenas para quebrar a resistência do indivíduo infrator. No entanto, não devemos supor que o militar prossiga imune após o atendimento de uma ocorrência de alto risco, especialmente se houver morte ou ferimentos grave, uma vez que estas deixam sequelas irreparáveis.

De acordo com os resultados do estudo, os eventos considerados mais estressantes foram ver colega morto no cumprimento do dever; morte de parceiros; e receber salários insuficientes. O evento de ver o colega ou amigo que saiu consigo para o cumprimento de uma missão pode também ser um fator estressante, na medida que você também tem as mesmas possibilidades de morrer como o que aconteceu com o outro.

Isto pode ser um facto marcante para vida de esse militar, segundo alguns depoimentos recolhidos durante a fase de investigação, considerando que todos os

ramos militares fizeram parte deste estudo, na medida em que o nosso país e em particular a província de Cabinda está caracterizada por várias áreas militares, distribuídas praticamente em: Ministério da defesa (Forças Armadas Angolanas, força Área Nacional ,Marinha),Ministério do Interior (Polícia Nacional, Polícia de intervenção rápida, Polícia de Guarda Fronteiras, Proteção Civil e Bombeiros, Serviços Prisionais e Serviços de Migração e Estrangeiro. O trabalho elaborado teve como participação todos estas áreas, como forma de obtenção de dados que ajudariam o desenvolvimento deste artigo.

EFEITOS PSICOSOCIAIS

Atendendo aos efeitos psicossociais se pode averiguar que a ação da ansiedade e o estresse durante o quotidiano humano têm sido caracterizado por modificações em aspeto que podem acarretar modificações de carácter negativo, tanto em aspeto físicos como mentais, contribuindo para o surgimento de patologias.

Dessa maneira, o trabalho militar é descrito pela literatura como o mais estressante de todos os ofícios, sendo que os militares estão entre os profissionais que mais sofrem estresse, pois, estão constantemente expostos ao perigo e à agressão, devendo frequentemente intervir em situações de conflito e tensão.

De acordo com Gil apud Futi (2016, P. 51), “o ser humano vale-se das suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia [...] desenvolve sistemas mais ou menos elaborados que lhe permite conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas”.

O papel psicológico é uma ação viva e ativa, para permitir o controlo do estado psicoemocional dos militares ou qualquer outro indivíduo no cumprimento das suas tarefas. Se o psicólogo for alguém também militar, será sempre melhor porque facilita a expansão desta informação e a forma como depois se pode abordar, questões tão pertinentes como estas, na medida que o mesmo militar possui família e outros encargos que lhe pesam nos ombros.

ACÇÕES PSICOLÓGICAS EDUCATIVAS PARA DIMINUIR OS NÍVEIS DE STRESS NA VIDA DO MILITAR EM CABINDA

Em determinadas alturas da vida todos sentimos que não há nada que possamos fazer para diminuir os níveis de stress. Mas a boa notícia é que todos nós

temos sempre ao nosso dispor algo que torna isso exequível que podemos chamar de consciencialização. Este pode ser a grande arma que todo militar na província de Cabinda pode ter, para permitir, com que avance no cumprimento das suas missões e tarefas.

O ser militar é uma simples profissão, mas o militar é um ser humano como todos nós, é a razão que em momentos que o seu estado psicológico estiver mal, há uma necessidade de um psicólogo, mesmo que este não for do ramo militar, mas se for é sempre melhor, pelo facto de conhecer a área e com quem vai falar. Baseando-nos nas estratégias desenvolvidas por Lucas (2008), podemos situar a vida do militar no domínio do stress na execução das suas funções como pode ver a seguir:

a. “A estratégia de aprender dizer não”, O militar deve conhecer os seus limites. Seja na vida pessoal ou profissional, recuse-se em aceitar responsabilidades adicionais antes de se comprometer com elas, certas vezes acaba aceitando tantas responsabilidades, para simplesmente agradar o chefe, mas que desgasta a sua mente; b. “Evitar colegas militares que facilmente te podem irritar”, facto de estar ao lado deste, te causa stress, você não consegue evitar que isso aconteça ,limite o tempo que passa com esse colega; c. “Ganhar controlo sobre o seu ambiente”, evite leituras de livros, jornais, qualquer outra informação da televisão que lhe pode mudar de comportamento. Tente descontraír por uma alternativa ao seu controlo; Todo militar deve evitar tópicos quentes; e. Organize a sua lista de tarefas por prioridade; f. Expresse os seus sentimentos ao invés de estrangulá-los; g. Faça a melhor gestão do tempo; h. Ajuste as suas atitudes.

Estas todas ações podem servir de apoio para que um militar tenha o controlo de si mesmo, apesar que a sua tarefa não é nada fácil, mas que de forma psicológica conseguir controlar os aspeto focalizados neste artigo, podem servir de antídoto para minimizar os níveis de stress no serviço militar

METODOLOGIA APLICADA

A investigação científica é um meio pelo qual se dá a ampliação do conhecimento e a construção de novos saberes, nesse sentido, destaca-se a importância da inserção da investigação científica no contexto do ensino superior para que haja

elaboração de artigos técnico-científicos por parte dos estudantes e docentes (FUTI, 2016).

A investigação científica é importante instrumento para a construção e transmissão de novos conhecimentos, de forma inédita, por não ser uma repetição de algo que já foi descoberto e escrito anteriormente por outro pesquisador (FUTI, 2016).

Neste estudo objetivamos saber qual é o papel do psicólogo no controlo e diminuição dos níveis de stress nas organizações militares e as reações no cumprimento das missões e tarefas que lhes são confiados. Assim, utilizamos o método de observação participativa passiva, pois, não podíamos fazer mais nada em função de algumas limitações por estes encontradas tendo em conta as características difíceis do grupo alvo. Assim, através dos poucos amigos e amigos dos amigos, procuramos aplicar um inquérito por questionário a um grupo de militares num total de 40 cuja perguntas foram pontuais e exploratórias, perguntas estas com o teor veiculada a stress, comportamentos perante as dificuldades e sobretudo quando este militares são indicados a uma determinada missão ou atividade complicada. Também procuramos saber destes, a relação família e a vida profissional.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DO CAMPO

A apresentação e interpretação dos resultados de campo de investigação são de extrema importância, visto que permite visualizar de forma prática a imagem da investigação desenvolvido num determinado período para que se concretize e seja demonstrado o que foi tido em conta durante o desenvolvimento da referida investigação. Para tal fez uma abordagem com maior profundidade através do questionário aplicado pelos militares da região militar na província de Cabinda ,durante o ano de 2014.

RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO A ALGUNS MILITARES DAS FORÇAS ARMADAS ANGOLANAS DESTACADOS NA PROVINCIA DE CABINDA

Este item abordou-se dos resultados do trabalho de campo, recolhidos através de dados recolhidos, em vários extratos durante o desenvolvimento da pesquisa realizada na província de Cabinda com vários militares e alguns oficiais de forma aleatória, que permitiu a construção deste artigo.

NÍVEL ACADÉMICO

Nesta pergunta dos 40 militares inqueridos 20 correspondente 50% afirmaram que o seu nível académico é básico, 12 inquerido correspondente 30% afirmaram que tem possuem o nível médio, 2 inqueridos correspondente 5% afirmaram que o seu nível académico é de Bacharel e 6 inqueridos correspondente a 15%. A partir dos resultados apresentados se pode concluir que em termos do nível académico a maioria é baixo.

FORMAÇÃO RELACIONADA AO RAMO MILITAR

Nesta pergunta dos 40 militares e oficiais inqueridos 30 correspondente a 75% afirmaram que sim tem uma formação no ramo militar e 10 inqueridos correspondente 25% ,afirmaram que não tem uma formação no ramo militar. Com os dados anteriores podemos afirmar que quase todos possuem a formação militar.

O INGRESSO NO RAMO MILITAR

Nesta questão dos 40 militares e oficiais inqueridos 8 correspondente a 20% afirmaram que entraram na vida militar por força de vontade familiar, 6 inqueridos correspondentes 15%,afirmaram que foi por sua livre escolha, 22 inqueridos correspondente a 55% afirmaram que entraram na vida militar pela obrigação a defesa da pátria e por ultimo os 4 inqueridos correspondente a 10% afirmaram que foi pela falta do emprego. Logo podemos concluir que a maioria entrou na vida militar pela defesa da pátria.

DIFICULDADES NO SEU INGRESSO NA VIDA MILITAR

Este item fez referência sobre as dificuldades no ingresso na vida militar e dos 40 militares e oficiais inqueridos, 15 inqueridos correspondente a 37,5% afirmaram que foi por a adaptação ao convívio, 2 inqueridos correspondente 5% afirmaram que a maior dificuldade foi na alimentação, 10 inqueridos correspondente a 25% afirmaram que as dificuldades estão na subcarga de trabalho, 5 inqueridos correspondente a 12,5% afirmaram que foi por recrutamento e 8 inqueridos correspondente 20% afirmaram que as dificuldades que passaram foi em função do excesso de missões de serviço. Logo se pode concluir que a maioria dificuldade dos inqueridos foi em função da adaptação ao convívio.

A COABITAÇÃO EM RELAÇÃO AO SEU TRABALHO

De realçar que neste item, dos 40 militares e oficiais inqueridos 25 correspondentes a 62,5% afirmaram que a coabitação com trabalho é muito boa, 10 inqueridos correspondente 25%, afirmaram que a relação é boa e 5 inqueridos correspondentes a 12,5% afirmaram que a sua coabitação é má. Assim podemos afirmar que a coabitação no trabalho é muito boa, isto é vendo aos indicadores que se apresentam.

ATITUDE DOS SEUS COLABORADORES NO EXERCÍCIO DAS SUAS FUNÇÕES

Fazendo ênfase aos resultados sobre esta questão, concluiu-se que dos 40 inqueridos, 15 correspondente a 25% afirmaram que a atitude dos colaboradores é aceitável e 25 inqueridos correspondentes a 75% afirmaram que a atitude não é aceitável. No entanto se pode averiguar que às vezes é difícil controlar a atitude dos militares.

CONTROLO DO NÍVEL DE EMOÇÃO QUANDO É INDICADO PARA UMA MISSÃO

Nesta questão dos 40 oficiais inqueridos 8 correspondente a 20% afirmaram que é muito bom o nível de emoção, 6 inqueridos correspondentes 15%, afirmaram que o nível de emoção é bom, 22 inqueridos correspondente a 55% afirmaram que o nível de emoção é agitado e por último os 4 inqueridos correspondente a 10% afirmaram

que é calmo quanto ao controlo da sua emoção quando é indicado para uma missão. Logo podemos concluir que a maioria vive do estado de agitação, sempre que é indicado por uma missão.

CONTROLO DO NÍVEL DE STRESS QUANDO RECEBEU A NOTICIA DE QUE SERIA TRANSFERIDO

Neste item, foram inqueridos 40 oficiais dos quais 25 correspondentes a 62,5% afirmaram que o nível de stress foi muito alto, 10 inqueridos correspondente a 25%, afirmaram que o nível de stress é alto e 5 inqueridos correspondente a 12,5% afirmaram que o nível de stress é baixo. Podemos concluir que o nível de stress quando são recebem notícia de transferência é muito alto o que desestabiliza o estado emocional do militar.

O FACTO DE SER O MILITAR É SINÓNIMO DE STRESS

Dos 40 inqueridos 25 correspondente a 75% afirmaram que sim a vida militar é sinónimo de stress e 15 inqueridos correspondentes a 25% afirmaram que o ser militar não é sinónimo de stress. É importante realçar que não é fácil ser militar, porque é uma vida de muito stress.

A COMBINAÇÃO DAS RESPONSABILIDADES MILITARES E A RELAÇÃO COMA FAMÍLIA

Nesta pergunta dos 40 oficiais e militares inqueridos 6 correspondente a 15% afirmaram que a responsabilidade que tem com o trabalho que exerce e a família é boa, 8 inqueridos correspondentes 20%, afirmaram que a relação entre as responsabilidades e a família é má, 22 inqueridos correspondente a 55% afirmaram que esta relação entre a família com o as responsabilidades é razoável e 4 inqueridos correspondente a 10% afirmaram que é o controlo das responsabilidades e a relação familiar é calma. Concluindo se pode notar que não tem sido fácil combinar as responsabilidades com a relação familiar.

TRANSFERENCIAS INESPERADAS

Em análise desta questão 40 inqueridos 30 correspondente a 85% afirmaram que sim já foram transferidos inesperadamente e 10 inqueridos correspondentes a 15%

afirmaram que não foram transferidos inesperadamente .Neste item se pode concluir que não tem sido fácil quando se recebe a uma transferência em momentos não esperados e que isso causa muitos constrangimentos.

CONCLUSÃO

1. Os militares revelam uma atitude não aceitável muitas vezes perante as suas atividade. No entanto se pode averiguar que às vezes é difícil controlar a atitude dos militares.
2. O nível de emoção no seio dos militares, apesar de ser calmo, alguns deles declaram terem um comportamento totalmente agitado face as atividade que lhes é responsabilizas. Assim, a maioria vive do estado de agitação, sempre que é indicado por uma missão.
3. Viu-se também que a maioria dos militares quando indicados para uma missão, o nível de stress face a situação no momento foi sempre muito alto.
4. A maior parte dos militares afirmam que as tuas responsabilidades que lhes são incumbidas durante as suas funções, não afetam a relação com a família nuclear que possuem.
5. Existe em determinados casos, as transferências inesperadas que sempre foram acompanhadas com algumas reações, mesmo não de maior dimensão

REFERÊNCIAS UTILIZADAS

BARBUDO, Margarida Lopes. Vivencia de Militares em Missões Internacionais: O impacto nas Relações Conjugais, Dissertação de Mestrado.2013

DORON, Roland e PAROT, Françoise. Dicionário de Psicologia. 1ªedição. Chinepsi Editores.2001.

DELBONI, Thais Helena. Vencendo Stress. Como melhorar as relações de trabalho para viver Melhor. Palestra. Brasília: Editora Markson Books.1997.

FONTON, David e REDA, Abouserie. Níveis de estresse, género fatores de personalidade dos professores. 2ª edição. Universidade de Gales College of Cardiff. John Wiley na sons Ltd.1993

FONTON, David. Controlando o estresse. Boletim do Instituto de Respres histórica.4ªedição.2005.

FUTCH, Richelle. Relacionamento e gerenciamento de estresse usando terapia de comportamento dialéctica. 2015.

FUTI, Xavier Alfredo da Silva. Investigação Científica: Análise do perfil académico dos estudantes do ISCED-Cabinda, face a Investigação. “Estratégias e Políticas” Alemanha: Novas edições académicas. 2016.

LUCAS, Miguel. As 6 estratégias para combater o stress : Em Saúde e Bem-Estar.2008

SANTOS, Gilberto Pinheiro dos e MARTINS, Jaqueline Pinto. Metodologia da Pesquisa Científica. 2ªedição. Rio de Janeiro: GPS editora.2008.

FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS ALUNOS: UMA ANÁLISE DO RELACIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES ESCOLA – FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE FAZENDA RIO GRANDE

Regina Maria de Souza da Silva⁷

1 INTRODUÇÃO

A escola deve cumprir a sua função de formar pessoas a partir do desenvolvimento de práticas coletivas e de ações de intervenção diante da importância de um ensino de qualidade, em um espaço educativo em que se percebe que as respostas são fluidas. Para tanto, a reavaliação da participação da família na escola por meio da análise do relacionamento entre essas duas instituições, a familiar e a escolar, é de fundamental importância. Neste estudo, portanto, o principal foco é a família na vida do aluno, nomeadamente um exame da relação entre a família e a escola na cidade de Fazenda Rio Grande (PR), voltando-se para o docente e para a família, de modo a identificar a relevância desse relacionamento para o sucesso escolar do aluno.

Desta forma a interpelação desta dissertação enfocou a família fase escolar dos alunos, mas tendo como elemento chave a análise da relação das instituições escola/família na performance reconhecimento de quais são os efeitos da ausência desta participação e convivência de ambas as entidades escola-família.

Com o objetivo de avaliar qual o efeito da presença, ou da ausência, dos pais/responsáveis do aluno ao longo do seu processo de aprendizagem, possibilitando a revisão de estratégias e o estabelecimento de formas novas de atuação escolar, visando, com isso, elevar o desempenho do alunado.

Portanto, fundamentando esta perspectiva, o assunto da investigação assim como a pergunta norteadora e os objetivos foram: objetivo específico de determinar a participação da família na vida escolar de seus filhos; analisar, na cidade de Fazenda Rio Grande, a relação entre essas duas instituições sociais, escolar e familiar. Identificar que tipo de relação é preciso que a família desenvolva com a escola para que o aluno tenha uma boa aprendizagem. Esclarecer a necessidade de a

⁷ Universidade San Lorenzo – Paraguay, profregina_m@hotmail.com

família buscar informações sobre a escola que atende seu filho, como sobre os profissionais atuantes, o coordenador pedagógico e o professor, agentes que trabalham para o melhor desenvolvimento escolar dos alunos. Mensurar o grau de participação da família em reuniões ocorridas na escola. Delinear a importância do envolvimento ativo da família com os assuntos escolares do filho/aluno.

2 METODOLOGIA

A pesquisa articula-se no enfoque quantitativo, uma vez que capacidade de investigação, a curiosidade sobre algo, o qual atraiu a atenção do pesquisador para desvendar o problema deparado, sem deixar de cumprir as exigências metodológicas, o pesquisador transformará todos os frutos de sua pesquisa em números para explorar explicitamente a opinião do pesquisado. A abordagem utilizada foi à pesquisa quantitativa visto que é um método que utiliza diferentes técnicas para quantificar as informações para direcionar e determinar o estudo. Para desenvolver a pesquisa foram elaborados quatro questionários com questões voltadas a compreender qual o problema proposto, estes questionários estão em anexos. Também pode ser realizada análise de documento os quais apontam a participação dos pais nas atividades propostas pela escola, bem como nas reuniões.

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professora Isabel Cristina Schwalbe Borges, do município de Fazenda Rio Grande (PR). Essa instituição foi escolhida em razão de a pesquisadora trabalhar nela e notar as consequências da ausência dos pais das crianças na escola. Para o desenvolvimento da pesquisa, contou-se com a colaboração de todos os professores e pais dispostos a responder o questionário. No caso dos alunos, o questionário foi aplicado com aqueles com mais de oito anos de idade.

Há, no total, oitocentos e dezoito pessoas no colegiado. Desta pesquisa, participaram trezentos e trinta profissionais, os quais serão relacionadas a seguir. Para que os pais pudessem responder o questionário, foi feita uma reunião, na qual foi esclarecido que tipo de estudo estava em curso e qual a sua importância para a comunidade escolar. O questionário foi respondido de maneira harmoniosa e

tranquila. Quatrocentos pais integram a comunidade da escola, porém, apenas cem colaboraram, conforme exemplificado na tabela a seguir:

Tabela 1 – Professores, pais, alunos e diretores

Sujeitos	População	Amostra	% Amostra
Família	400	100	25%
Alunos	389	192	49%
Professores	36	27	82%
Diretores	2	2	100%
Total	818	330	40%

Assim, na escola em questão, entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, eram trezentos e oitenta e nove alunos, contudo, apenas alunos do segundo ao quinto ano do Fundamental I responderam o questionário, isto é, cento e noventa e duas crianças, que responderam o questionário em aula, em períodos reservados para isso. Os professores da escola em foco, no total, são trinta e seis, desses, apenas vinte e sete participaram do estudo, respondendo às perguntas do questionário durante a semana, nos horários livres para planejamentos de aula. Há, na instituição, duas gestoras, a diretora e a vice-diretora, que marcaram um dia específico para responderem o questionário. Elaboraram-se os questionários com base nas particularidades de cada grupo. O número de questões foi segmentado da seguinte forma: treze para as gestoras, onze para os alunos, treze para os docentes e vinte e quatro para os pais. Aplicaram-se os questionários para que se pudesse compreender o que pensam os professores, as diretoras, os alunos e os pais sobre o assunto.

O questionário teve por objetivo coletar informações dos grupos: pais, alunos, professores e diretores desta instituição, os questionários foram elaborados de forma a ser auto aplicativo para que o sujeito da pesquisa não fosse contaminado pela influência da pesquisadora

3 FAMÍLIA E ESCOLA

Por muitas décadas a família esteve ligada à ideia sacralizada de família patriarcal, monogâmica, composta por um casal heterossexual, cujas bases religiosas eram fundamentadas no Cristianismo, no entanto, com todas as transformações sociais, entrada reconhecida da mulher no mercado de trabalho, houve também uma inevitável mudança na composição das famílias, subvertendo a então “verdade absoluta” sobre a qual a família tradicional costumava debruçar. Entretanto, mesmo com todas as mudanças, há ainda pessoas que defendem a ideia de família heterossexual, matrimonializada e hierarquizada, baseados nesses argumentos para um estigma na sociedade que cultua a “moral e os bons costumes”, ou seja, a exclusão daqueles que não fazem parte da família tradicional, em detrimento de regras de caráter moralizante ultrapassadas e que não condizem com a realidade da maioria da sociedade. Necessário se faz superar essas ideias que causam tamanha injustiça àqueles que não fazem parte do “pacote tradicionalista”, para tanto, podemos nos atentar à evolução do pensamento da sociedade, que tem se mostrado é notória e muito positiva, para acompanhar esta evolução a Legislação vem sendo ampliada, adaptada para atender às necessidades da população. Atualmente é possível falar de diferentes tipos de estrutura familiar no Brasil devido a esta organização estar mudando e se reorganizando, o conceito do que antes se conhecia por **família** tradicional modificou muito, e para legitimar tais mudanças, fez-se necessária à criação de Leis que amparassem a constituição dessas composições familiares diversas.

É na escola que o alunado passa pelo processo de ensino e aprendizagem, é função dessa instituição garantir o desenvolvimento de cada aluno que atende e trabalhar com ele princípios cognitivos, sociais e culturais. O termo “escola” tem por raiz mais antiga a palavra grega *scholé*, que no latim se tornou *schola*. Ambos os termos possuem um mesmo significado, conferência ou discussão, podendo também ter o sentido de ócio ou folga. Esta definição faz referência ao tempo livre ou de lazer usado pelos homens, na antiga Grécia, para discutir ideias e práticas sociais e para filosofar.

Segundo Althusser (1970, p. 21)

[...] na escola, aprende-se também bons costumes, quer dizer, o modo como todo reprodutor social precisa se comportar, conforme o lugar que o destino lhe reserva: normas morais, da consciências profissional e cívica, o que consiste em normas de respeito pela divisão técnica e social do trabalho, segundo os imperativos de ordem definidos pela classe dominante (ALTHUSSER, 1970, p. 21).

A escola, nesse sentido, é componente fundamental da máquina capitalista, reforça a divisão e a dominação social. A instituição escolar, nesse período, na sua forma de agir, foi entendida como um movimento neutro e natural, que possibilitava que todos se desenvolvessem de maneira igual. Para se firmar como neutra, a escola deveria ter por objetivo o ensino de bons costumes, hábitos e valores de uma classe social específica, transmitindo-os como a única verdade.

No tocante à aproximação entre família e escola, os professores têm discutido a necessidade desta aproximação, levando-se em consideração que a família exerce uma função basilar no processo de aprendizagem do aluno. Esta instituição, ao longo de tempo e entre as gerações, tem propiciado a superação de paradigmas no decorrer das mudanças sociais pelas quais tem passado o ser humano, posto que não haja sociedade que tenha renunciado à família. Neste sentido, Paraolin e Hierro (2003, p. 99) explicam que:

[...] a escola e a família almejam o mesmo: instruir a criança para a vida em sociedade; contudo, a família possui certas particularidades que a afasta e, ao mesmo tempo, aproxima-a da escola. Por sua vez, a escola tem sua filosofia, mas precisa da família para ter seu projeto educativo concretizado.

A família e a escola visam o desenvolvimento e a socialização da criança, porém, para que a parceria entre família e escola evolua, é necessário que haja flexibilidade na comunicação, dado que há situações serenas e outras agitadas, nas quais se identifica os obstáculos presentes no processo de aprendizagem. Contudo, é válido sublinhar que, neste estudo, o harmonioso relacionamento entre a escola e a família é o foco da discussão e o essencial para uma aprendizagem efetiva. Para que tal relacionamento seja intermediado pela escola, propiciando espaços e momento de debate, de maneira que os pais consigam compreender que a escola e eles têm um

mesmo objetivo, o qual consta prescrito no art. 12 da Lei de Diretrizes e Bases n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, nos seguintes termos:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; VII - informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica (BRASIL, 1996).

Conforme a legislação, a aprendizagem da criança não é unicamente uma atribuição da escola, mas também da família, que deve, ao longo desse processo, oferecer auxílio. Em muitos momentos, a escola lida com um conflito, já que, por vezes, ela é obrigada a dizer aos pais como devem agir em determinadas situações relativas à educação de seus filhos, indo desde acontecimentos corriqueiros e banais àquilo que diz respeito à escola, como as disciplinas curriculares. Nessa ótica, é necessário fazer com que a escola progrida na compreensão da importância do comprometimento da família dos alunos, no referente à distinção de quais partes do processo educacional são de responsabilidade sua e quais são de obrigação dos pais da criança, considerando que, em muitos casos, a escola acaba sendo sobrecarregada porque a família lhe transfere seus próprios deveres. Assim, nessa constante transferência de compromissos, existe ainda a família que sustenta que a escola não cumpre com suas atribuições. Entretanto, essa imposição de responsabilidade acaba tapando os olhos de ambas as instituições, alargando o espaço que há entre elas, evidenciando a falta de confiança e as percepções errôneas que cada uma tem da outra. Na cláusula 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente, consta o seguinte: “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais” (BRASIL, 1990).

Uma vez que apenas a interação cooperativa entre escola e família irá sanar esta dificuldade enfrentada por essas instituições, é possível que com organização ambas unam esforços para criarem estratégias e estreitem o relacionamento. Szymanski disserta que a condição mais importante.

[...] entre escola e família deve haver mútuo respeito, proporcionando sentimentos de competências e confiança, tendo delimitados claramente os limites de atuação de cada ente [...] viabiliza parcerias, nas quais o respeito faça despontar modelos

novos de educação, abertos a mudanças contínuas, e a transmissão de saberes sobreponha a imposição (SZYMANSKI, 2001, P. 75).

O aluno ou o professor não são os únicos responsáveis pelos problemas de aprendizagem, eles estão ligados também ao contexto em os sujeitos se encontram, cotidianamente vivenciado. Pode-se dizer que os indivíduos são o resultado do meio em vivem. A aprendizagem tem íntima ligação com o relacionamento interpessoal, já que a facilidade com que se aprende ou as dificuldades que se tem advêm das experiências e dos relacionamentos. A família, então, no processo de aprendizagem, é peça-chave. Em síntese, de acordo com Heiderscheidt (1998, p. 25),

[...] todo e qualquer resultado da vida der um ser humano, seja positiva ou negativa, na relação com o próprio corpo (saúde, doença) seja na relação com o ser homem, o ser mulher, o ser pai, o ser mãe, também na relação com os filhos, com os pais e com pessoas em geral, bem como a forma de perceber e encarar a vida têm a ver com a sua história, isto é, os registros existentes na MENTE HUMANA.

Posto que, no espaço escolar, a atuação dos familiares do aluno ajuda na resolução de possíveis problemas que, no dia a dia, possam surgir e na compreensão das práticas escolares, contribuindo para o progresso da criança, é preciso que a instituição escolar tenha uma gestão comunicativa, cujas ideias tenham por base a mediação e a organização do trabalho, exercido de maneira conjunto, abarcando todas a atividades institucionais, sem deixar de lado as diretrizes educacionais. Luck explica que o conceito de gestão

[...] tem relação com a mobilização de esforços e talentos. Organizados coletivamente, associam-se à ação conjunta e construtiva de seus elementos, por meio da reciprocidade e do trabalho associado, criando uma unidade movida por uma vontade em comum (LUCK, 2005, p. 17).

Evidencia-se, portanto, que a escola precisa ter a clareza de sua visão, sua missão, seus objetivos precisam estar alinhados às Leis e Diretrizes político/educacionais para que seu projeto político-pedagógico seja colocado em prática, criando condições para um ambiente escolar mais autônomo e dinâmico com a participação de todos os envolvidos. Isto permite adotar um estilo de gestão que promova a mobilização e a articulação de todo o corpo funcional, buscando garantir a

promoção efetiva da aprendizagem dos educandos e auxiliando-os no enfrentamento dos desafios da sociedade. Para que a superação das dificuldades se efetive nos resultados de aprendizagem significativas, é necessário valer-se de metodologias que desenvolvam no educando o pensamento crítico, permitindo que ele seja capaz de tomar suas decisões e enfrentar com conhecimento de causa-efeito os conflitos e desafios que a vida lhes proporcionar. Como expõe Polonia e Dessen (2005, p. 310):

É necessário, em especial, estimular estudos acadêmicos voltados para a integração família e escola, convertendo-os em materiais de apoio e em ferramentas que possam ajudar na elaboração de programas e políticas educacionais.

O Brasil tem buscado, ainda que a passos curtos, fazer com que a maioria dos pais se envolva com os assuntos escolares dos filhos, tentando integrar escola e família. Vistorio Galli, deputado federal, em 2017, lavrou o Projeto de Lei n.º 7.424 para obrigar pais brasileiros a estarem presentes em reuniões promovidas na escola:

Art. 1º - O Art. 1º Ficam obrigados os pais ou responsáveis legais de alunos do ensino fundamental a comparecer a cada bimestre em reuniões oficiais às escolas de seus filhos para acompanhar o desempenho escolar. I – o comparecimento em dia e hora oficial da reunião escolar assegurará aos pais ou responsáveis de alunos presentes o abono desse dia no trabalho, exceto se este horário for diferente do seu turno laboral. II – a escola emitirá um atestado de comparecimento para fins de comprovação de presença. III – a ausência dos pais ou responsáveis por dois bimestres consecutivos lhe será aplicado uma penalidade de um salário mínimo, revertidos ao fundo escolar de apoio e incentivo à leitura. IV – o fundo escolar de apoio e incentivo à leitura será criado pela própria escola através do corpo docente (BRASIL. 2017)

A elaboração desse projeto de lei busca despontar novos avanços no processo de aprendizagem dos alunos/filhos, já que vivemos uma constante evolução e inovação, e os pais também fazem parte desta evolução. Esse projeto lida com a questão problemática apontada pela maioria dos responsáveis que alegam não terem tempo para acompanhar os filhos na escola, nem sequer saber o que está sendo ensinado para o aluno, em função de estarem trabalhando e não poderem faltar ao trabalho, este afastamento dos pais, inclusive em momentos oportunos ao encontro, como por exemplo, as reuniões escolares geram reservas e desconforto entre escola e família, a prerrogativa da falta de tempo devido ao trabalho, único meio de garantir sustento aos filhos, contribui para aumentar e legitimar a ausência dos pais nas

reuniões e na vida escolar do aluno, o distanciamento progressivo gera consequências que influenciam também no acompanhamento básico da vida escolar dos alunos, como por exemplo, a ajuda nas atividades de casa, essa situação de desatenção dos responsáveis à rotina escolar dos estudantes se reflete na autoestima dos alunos, pois é perceptível através dos relatos das crianças cujos pais não são participativos de suas vidas escolares que o reflexo da ausência se intensifica e se transforma em insegurança na criança.

O processo educativo da criança inicia até mesmo no processo de gestação, uma vez que o nascimento é o grande espetáculo da vida, pois como fala Grisa (2014) “nascer é vencer.” Pois nascer é vitória para os pais e é a maior vitória para ao bebê, é abrir caminho para uma nova etapa da vida, essa fase demonstra a busca da independência do bebê. Para Heiderscheidt (1998, p.140) “O nascimento é o ápice de uma etapa concluída: a gestação é uma vitória para a mãe, para o pai, para a espécie e, sobretudo para o bebê.”.

Com o despontar dessa nova vida, inicia-se, para os pais, uma fase repleta de responsabilidades. Têm constituída uma família, pela qual se incumbem inteiramente. Tal dever precisa estar muito bem definido na consciência dos pais, de modo que a criança seja um sujeito bem-sucedido na vida, até porque é no círculo familiar que a criança reúne as primeiras referências, as quais definirão seu comportamento e caráter. O ser humano passa pelas primeiras experiências no interior da família, é aí que as primeiras relações se constituem. Não podendo ser diferente, é nesse âmbito também que a criança desenvolve a confiança, que servirá de alicerce para a aprendizagem. É preciso que os pais entendam que a escola é mais do que um lugar em que seus filhos ficam enquanto trabalham, ou mais do que uma obrigação, ela é um ambiente educacional e oferece suporte para o aprendizado, para que a criança possa ampliar os conhecimentos que leva de casa e obter novos.

É extremamente importante que os pais acompanhem seus filhos, de maneira que se sintam cuidados e acolhidos e aprendam com saúde. A educação é um direito de todo cidadão, havendo leis que a asseguram. Conforme o art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores; III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias

escolares superiores; V - direito de organização e participação em entidades estudantis; V - acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica (BRASIL, 2019).

O envolvimento da família com a escola, favorecendo o crescimento do aluno, nos mais diversos sentidos, isto é, de forma plena, para que, ao se tornar adulto, seja capaz de ser um cidadão crítico e ativo e de contribuir para o progresso social. A concretização dessa utopia depende da família e de a escola encorajar a família a mergulhar na vida escolar de seus filhos, para que se sintam confiantes e seguros e saibam que há pessoas que se importam com a sua vida. Esse sujeito vai ter menos dificuldade para aprender e conseguirá relacionar melhor o que lhe é ensinado com a sua própria vida, já que a escola e a sua casa, os dois espaços que frequenta, mantêm em constante interação, impedindo que em qualquer desses espaços sujam verdades absolutas. Quando bem estabelecido, o conhecimento estimula o raciocínio.

4 resultados e discussão

No tocante à pesquisa realizada com os pais, observou-se que o atendimento dado pela direção e professores contenta os pais, tendo-se que 100% dos pais foram bem atendidos na secretaria da escola e pela coordenadora pedagógica da instituição.

Já no tocante ao acompanhamento da vida escolar dos alunos, 1% dos alunos possui pai que participa da sua vida na escola, 23% dos alunos possuem mãe que participa da sua vida na escola e 73% dos alunos disseram ter pais que, juntos, acompanham ativamente seus estudos. Pode-se ver uma discrepância entre a quantidade de alunos que têm mãe envolvida com a escola e de alunos que têm pai que acompanha a sua aprendizagem. Embora não surpreenda, é uma realidade dura de encarar, já que é notório que mães, em geral, são mais cobradas quando se trata de cuidar da educação dos filhos. Os pais são muito pouco exigidos nesse quesito. As respostas, por conseguinte, revelam uma realidade sexista e machista, onde, na família, a mulher é muito mais pressionada a assumir a função de educadora.

Inclusive, na avaliação da própria família quanto à sua participação na vida escolar dos filhos 9% deixou a questão em branco, demonstrando que muitos pais se sentem inseguros ao responder essa questão, pois o número de abstenções foi significativo, pode-se concluir que até mesmo os responsáveis julgam não participar como deveriam da vida escolar dos filhos, mas preferem nada declarar sobre o assunto, ainda que a maioria dos pais (59%) tenha reconhecido que a obrigação de oferecer educação às crianças é responsabilidade compartilhada entre as duas instituições.

Quanto à participação nas reuniões da escola, 91% considera que sempre participar das reuniões que são promovidas pela escola, 7% declarou nem sempre participar, 1% deixou a questão em branco e 1% anulou a questão. Nesse contexto, 9% dos pais justifica a ausência nas reuniões escolares por problemas de saúde, 27% por trabalhar, 6% por ter outra criança para cuidar, 57% deixou a questão em branco e 1% anulou a questão, os números são claros e bem duros, pois mais da metade dos pais não apresentou justificativa pelas ausências na vida escolar dos alunos, demonstrando uma realidade pessimista.

Já 15% das crianças entrevistadas responderam que os pais não se importam se faltarem na escola, o que é um percentual considerável, apesar da maioria dos pais chamarem a atenção dos filhos quando a escola os aciona quando tiram nota baixa, brigam na escola ou um bilhete é enviado, sendo algo positivo.

Além disto, 26,5% disseram não ter um lugar tranquilo em casa para estudar, o que é preocupante, pois a criança ter uma estrutura física para desenvolver suas atividades escolares em casa demonstra a importância que a família dá à escola e à aprendizagem do filho, refletindo diretamente no rendimento escolar do aluno.

75% dos alunos gostariam ainda que seus pais participassem de suas atividades escolares, enquanto 23% declara que não gostaria 2% deixaram em branco. A porcentagem relativa à quantidade de alunos que não gostariam da participação dos pais em suas vidas escolares vai ao encontro da quantidade de pais que não participam, pois a criança não sente que a participação do adulto seja importante ou faça alguma diferença, muitas vezes por nunca ter tido essa experiência.

Quanto à pergunta sobre quem cuida da criança, 52% são cuidadas pela mãe quando estão em casa, 9% pelas avós, 8% pelas babás, 12% pelos irmãos, 10% fica sozinho e 9% anularam a questão.

Por fim, importante trazer a opinião da direção da escola de que apontar que os pais dos alunos que apresentam melhor rendimento escolar são os que apresentam maior participação na vida escolar das crianças.

5 Conclusão

A elaboração deste artigo faz-se necessário para discorrer sobre o assunto: Uma análise do relacionamento das instituições escola-família no Município de Fazenda Rio Grande concluímos que as famílias desta comunidade apresentam índice alto de ausência na vida escolar de seus filhos, outorgando inúmeras questões para justificar sua ausência na vida escolar de seu próprio filho.

Cumprimos todos os objetivos que nos tínhamos proposto, onde constatamos que tanto escola, família compreende que é fundamental a presença e a parceria entre as duas instituições, uma vez que as duas partes busca pelo mesmo objetivo, ou seja, a elevação do desenvolvimento da aprendizagem do filho/aluno. Embora os pais demonstrem entender que é necessário participar da vida escolar de seus pupilos se mostram inseguros, nota-se esta insegurança na avaliação da própria família quanto à sua participação na vida escolar dos filhos 9% deixou a questão em branco, não responder essa questão, pode-se concluir que até mesmo os responsáveis julgam não participar como deveriam da vida escolar dos filhos, mas preferem abster-se de responder a questão, mostrando-se constrangido em falar sobre o assunto.

Este estudo se torna importante visto que se faz urgente à criação de laços entre escola e família para ampliar e aprimorar um relacionamento saudável entre ambas, para que juntas possam traçar novas formas de atuação e estreitar os laços de parceria para melhorar o desenvolvimento escolar dos alunos, o aprofundamento deste tema proporciona o aprendizado individual, pessoal e profissional possibilitam reafirmar a importância do estudo e da pesquisa constantes há cerca deste tema.

Uma vez que foi empreendido o estudo de várias obras e pesquisa de campo com os sujeitos de pesquisa (professoras voluntárias), comprovando assim a teoria que vem sendo estudada e o fato de poder ter o privilégio de articular a teoria com a prática que auxiliam e tornam o aprendizado mais assertivo. Permitindo-nos a

conhecer e a compreender melhor que ação e reação são processos dependentes. Pôde-se, ainda, aperfeiçoar e desenvolver novas competências de pesquisa, organização e transmissão de informações, superando muitas barreiras e adquiridos conhecimentos novos sobre si mesmo e sobre o outro, o que ajuda no reconhecimento, que tanto escola quanto família juntos, podem desenvolver um bom relacionamento e conseguir, assim, melhorar a aprendizagem na escola que estão inseridas. A família dizendo para a família como é importante se envolver efetivamente com a escola do filho, assim como conhecer aqueles que nela atuam profissionalmente. Posto que não haja um manual de instrução para instruir como efetivar qual é o tipo de relacionamento que escola/família necessita desenvolver, uma vez que escola/família vivem realidades dessemelhantes, sendo necessária a construção através do diálogo.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa: Presença, 1970.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. Projeto de lei n.º 7.424, de 2017. Obriga os pais ou responsáveis legais de alunos do ensino fundamental a comparecer a cada bimestre às escolas de seus filhos para acompanhar o desempenho escolar. Sala das Sessões, 18 de abril de 2017. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=DA5B1415C4D255044636D3D5593AA438.proposicoesWebExterno1?codteor=1561354&file_name=Avulso+-PL+7424/2017. Acesso em: 6 fev. 2020.

GRISA, Pedro Antônio. **O Jogo e a Estrutura das Personalidades**. 8. ed. Florianópolis: Edipappi, 2014.

HEIDERSCHEIDT, Ilsete. **Pais e filhos filhos e pais**. 2.ed. Florianópolis: Edipappi, 1998.

LUCK, Heloísa. **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. 5.ed.Petrópolis: Vozes, 2005.

PAROLIN, Isabel; HIERRO, Cristina. As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. Livro da 5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, p. 91-99, 2003.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**: relações família-escola. Psicologia Escolar e Educacional, p.303- 312, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2020.

SZYMANSKI, H. A relação família/escola desafios e perspectivas. Brasília: Plano, 2001.

FORMAÇÃO DOCENTE: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTANCIA NA VIVÊNCIA DA TEORIA E DA PRÁTICA

Maria da Penha Cardoso⁸

RESUMO

Um dos componentes curriculares do curso de formação para a docência na educação básica é o estágio supervisionado. Nessa etapa da formação é a oportunidade que o acadêmico tem de vivenciar a teoria e a prática, oportunidade em que o futuro professor entra em contato com vivências ao mesmo tempo em que atua no campo de formação. Os cursos de licenciaturas voltados para a formação docente no ensino superior veem o estágio supervisionado como se fosse modelo ou receita de reprodução de técnicas, não levando em conta os conhecimentos e habilidades que possam fortalecer a formação desse docente no enfrentamento dos desafios que se apresentam no cotidiano do contexto educacional. O objetivo da presente pesquisa é o tratamento de alguns aspectos referentes ao estágio supervisionado no curso de graduação em pedagogia, apontando a importância deste para a formação docente. Na sequência dos objetivos tratou-se de apresentar questões que estão implícitas nessa formação e os futuros desafios que o docente terá de enfrentar, não só voltado para a formação docente, mas, também no que diz respeito a atuação destes em campo. Com a intenção de alcançar os objetivos aqui propostos, fez-se necessário consultar e pesquisar alguns autores Franco (2012), Leffa (2015), Pimenta e Lima (2012) e outros, que nos ajudaram a dar conta do tema do estágio supervisionado e sua importância na formação docente. Ao longo da pesquisa foi possível perceber que esta formação perpassa pelo conhecimento científico, como também os processos metodológicos. Diante do contexto da formação do profissional docente, é imprescindível o formar e o formar-se do professor reflexivo, autônomo, construtor de sua identidade, capaz de compreender como atuar diante da realidade por ele enfrentada, colocando-se como agente transformador na sociedade em que se encontra inserido.

Palavras-chave: Formação docente. Teoria e Prática. Estágio Supervisionado.

INTRODUÇÃO

A formação e a prática docente tem sido uma das temáticas mais debatidas atualmente, em função da tão almejada e necessária melhoria na qualidade dos resultados de ensino e aprendizagem tão discutidos e criticados no cenário educacional vigente. Essa formação ganha espaço na formação inicial, especificamente no momento em que o acadêmico chega no momento do estágio supervisionado. Nesse período da formação docente, veem-se oportunidades de alinhar a teoria e a prática, com possibilidades de estabelecer articulações entre estas,

⁸ Doutorado em Ciências em Educação, eMail: professorapenhacardoso@hotmail.com

construindo saberes docentes e sua formação profissional. No entanto, é preciso que este acadêmico assuma papel ativo, reflexivo no que diz respeito à sua formação e atuação profissional.

Nossa pretensão com o presente trabalho é apresentar aspectos referentes ao estágio supervisionado, demonstrando sua importância na formação dos futuros professores. Além disso pretende-se apresentar de forma sucinta, algumas considerações sobre a formação profissional docente e os desafios postos que a caminhada na carreira do magistério apresenta na atualidade.

Neste trabalho fez-se necessário pesquisar em algumas obras de autores como Franco (2018), Leffa (2015), Pimenta e Lima (2018) e outros, que nos ajudaram a dar conta do tema do estágio supervisionado e sua importância na formação docente. A consulta a estes autores contribuíram no sentido de esclarecer na teoria o que a disciplina de estágio supervisionado e sua importância na formação dos professores, além de contribuir com elementos específicos na relação teoria e prática e o desafio de ensinar e aprender.

Dialogando com o Estágio Supervisionado e a formação docente

O estágio supervisionado é um processo que envolve a compreensão das situações escolares onde o futuro professor pretende atuar. Um dos momentos mais importantes para a formação é o estágio supervisionado. Nesse momento o acadêmico tem a oportunidade de vivenciar a teoria com a prática. O estágio supervisionado permite ao futuro docente conhecer, analisar e refletir sobre o seu futuro ambiente de trabalho e como este implicará na vida da sociedade e na do estudante. Portanto, o aluno de estágio precisa enfrentar a realidade das teorias que aprende durante o percurso de estudo da vida acadêmica.

O acadêmico do estágio supervisionado tem a necessidade de enfrentar a realidade do mundo das teorias que vivencia ao longo de sua formação das reflexões que faz a partir da prática que observa, das experiências que este proporciona enquanto aluno, das concepções entre o ensinar e o aprender, além das competências e habilidades que vivencia ao longo de sua formação na licenciatura que optou para sua carreira. De acordo com Pimenta e Lima (2015., p. 30), “considerar o estágio como

campo de conhecimento, significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental”.

Muitas vezes o que percebe-se que o estágio é visto por muitos acadêmicos como uma atividade de cunho burocrático, tanto o professor quanto o aluno focam suas atenções nos elementos organizacionais esquecendo da reflexão e análise crítica a respeito do processo de formação propriamente dita. Entende-se a formação inicial pautada nos processos de investigação, pesquisa da realidade, afim de avaliar professores e formadores, e futuros professores percebam seu papel e sua atuação nesse contexto.

A base dos processos de reflexão dos professores é constituída por seus saberes adquiridos formal e informalmente. A formação contínua estaria assim a serviço da reflexão e da produção de um conhecimento capaz de oferecer a fundamentação teórico necessária para a articulação prático-crítica em relação ao aluno, à escola, à sua profissão e à sociedade. Portanto, o professor não é um mero executor, e sua formação ultrapassa os limites da titulação (PIMENTA e LIMA, 2011, p. 131)

Dessa forma, por uma lado se reforça a perspectiva do ensino como imitação de modelos, sem privilegiar a análise crítica do contexto escolar, da formação dos professores, dos processos constitutivos da aula e, por outro lado reforçam-se práticas institucionais não reflexivas, presentes na educação básica, que concebem o estágio como o momento da prática e de aprendizagens de técnicas do fazer pedagógico bem.

Nessa perspectiva do estágio enquanto imitação de modelos, sem investigação, sem reflexão, não tem razão de fazer parte do processo formativo docente atual. O estágio tem que ser um momento de tomada de decisão, de confronto da teoria com a prática gerando novas produções de conhecimentos a partir da atuação como bem afirma Barreiro e Gebran:

Nesse sentido, a formação para a docência de qualidade deve se pautar na perspectiva investigativa, na qual a pesquisa assumida enquanto princípio científico

e educativo, apresenta-se como uma proposição metodológica fundamental para o rompimento das práticas de reprodução. (BARREIRO e GEBRAN, 2010, p. 117).

De acordo com Pimenta e Lima (2012) a formação nesse sentido, constitui um processo de mudanças que envolvem, além do trabalho, outros aspectos da vida material, os agrupamentos, as dimensões da identidade, da leitura do mundo, e posturas de aprendizagem. Consiste em dar significado às experiências, agora resgatadas, podendo contribuir para uma tomada de consciência individual e coletiva.

Os cursos de licenciaturas, no que se refere aos estágios supervisionados, devem desenvolver atividades que permitam a análise, o conhecimento e a reflexão do trabalho docente, de suas ações, de suas dificuldades, seus entraves, garantindo uma visão mais geral do contexto escolar. Para Pimenta e Lima:

Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola (Op.cit, 2012, p. 55)

O período para a atuação que faz parte da carga horária a ser cumprida durante a disciplina de estágio supervisionado tem como objetivo permitir que o acadêmico faça um primeiro contato com a realidade escolar, aproximando o aluno do contexto no qual ele atuará enquanto profissional. “È necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação” (PIMENTA e LIMA, 2012,p.112).

A educação é uma práxis social complexa (ALMEIDA e PIMENTA, 2014), realizada em diferentes espaços sociais, capaz de modificar os sujeitos envolvidos nesse processo. Nas mais variadas formas o profissional docente, afeta e é afetado pelas circunstâncias que o cerca, seja do ponto de vista pedagógico social, político, histórico, etc. Ou seja, sua práxis está intimamente ligada à sua prática, estabelecendo a necessidade de conhecer para compreender e, posteriormente, modificar a realidade na qual atua. Nesse meio, a pesquisa quando incorporada à

prática docente, é responsável pela compreensão e pela transformação dos sujeitos envolvidos no processo.

A prática docente, quando considerada como prática social, historicamente construída, condicionada pela multiplicidade de circunstâncias que afetam o docente, a instituição, o momento histórico, o contexto cultural e político, realizarse-á como práxis, em um processo dialético que, a cada momento, sintetiza as contradições da realidade social em que se insere, e assim se diferenciará de uma prática organizada de forma a-histórica, como sucessão de procedimentos metodológicos. A prática como práxis traz, em sua especificidade, a ação crítica e reflexiva do sujeito sobre as circunstâncias presentes, e, para essa ação, a pesquisa é inerentemente um processo cognitivo que subsidia a construção e mobilização dos saberes construídos ou em construção (FRANCO, 2012, p. 203-204).

Nesse sentido é importante compreendermos que as atividades e estágio se configuram também como pesquisa, como tal, exigem coleta de dados, análises e discussões, a partir do que foi observado, experimentando, analisando e concluindo. Assim sendo, as teorias trabalhadas ao longo do curso, mais especificamente nas disciplinas de estágio, servirão de subsídios, não só para as práticas de estágio, mas, também, para refletir a partir delas, pois, segundo Pimenta e Lima:

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (2012, p. 43).

Porém, a dissociação entre teoria e prática é frequente no discurso dos alunos/professores. O estágio é visto/concebido como a parte prática do curso. O estágio é teoria e prática e não teoria ou prática. (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 41). Portanto, a compreensão de que teoria e prática são indissociáveis no contexto de formação do profissional docente traz consigo a possibilidade de reflexão mais efetiva por parte do aluno-professor, permitindo que este produza conhecimentos a partir da escrita sobre sua prática. Nesse sentido, o relatório de estágio, por exemplo, sendo ele o principal instrumento de sistematização do processo de atuação, não pode resumir-se

apenas ao registro, documentação e relato de práticas, mas deve ser, também, fonte de novos conhecimentos, produzidos a partir da reflexão do fazer pedagógico. Segundo Pimenta:

Os produtos próprios da atividade humana não se reduzem à sua mera expressão exterior, mas são objetivos que prefiguram idealmente o resultado que se pretende e se manifestam também como produção de conhecimento (em forma de conceitos, hipóteses, teorias ou leis) mediante o qual o homem conhece a realidade. (PIMENTA, 2012, p. 101).

Portanto, uma das funções mais importantes do professor supervisor de estágio é a de incentivar uma postura reflexiva, não só durante a atuação em período de estágio, mas, também, durante toda sua carreira profissional. Quando alcançarmos este patamar, certamente formaremos profissionais docentes mais comprometidos com seu fazer pedagógico, mais preparados para enfrentar os desafios que o futuro os reserva e, claro, capazes de contribuir para as mudanças necessárias à melhoria dos processos educativos em nossa sociedade:

A educação, a escola, o espaço institucional, onde trabalham esses docentes, também se beneficiarão quando os professores se forem tornando mais críticos, mais produtivos, mais sensibilizados pelas necessárias condições de desenvolvimento profissional e mobilizarem colegas para tomadas de decisões coletivas (FRANCO, 2012, p. 211).

Diante disso, formar professores é muito mais do que apenas treiná-los com metodologias e técnicas para ensinar determinados conteúdos. Formar profissionais da educação exige o desenvolvimento de práticas de análise, de reflexão e de compreensão do que seja verdadeiramente atuar no contexto escolar nos dias de hoje.

Para Leffá, a formação de professores “tem sido descrita como uma preparação mais complexa do professor, envolvendo a fusão do conhecimento recebido com o conhecimento experimental e uma reflexão sobre esses dois tipos de conhecimento.” (2001, p. 335). Somente a partir dessa fusão é que será possível, portanto, formular e reformular teorias, métodos e técnicas, além de desenvolver competências cada vez mais de acordo com a realidade que encontramos atualmente nas escolas.

O estágio como sinônimo de ressignificar os saberes docentes

Os processos de formação de professores buscam obter um profissional autônomo, agente de mudança e capaz de refletir sobre sua prática. Atualmente, espera-se ainda que esse profissional seja capaz de se adaptar às mais variadas condições de trabalho e que esteja em constante investigação e análise reflexiva de seu fazer pedagógico. São estes alguns dos elementos constitutivos do ser professor. Além disso, sabemos que:

O ensino, atividade característica do professor, é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige opções éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade da experiência, indagação teórica e criatividade para fazer frente às situações únicas, ambíguas, incertas, conflitivas e, por vezes, violentas, das situações de ensino, nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos na sociedade (FRANCO, 2012, p. 15).

Frente aos novos desafios que o educador encontra nos dias atuais, faz-se necessária uma nova forma de educar e de definir a profissão docente. É preciso que sejam desenvolvidas novas competências, novas abordagens, novos referenciais. Ou seja, para novos desafios, são necessárias novas ferramentas e novos profissionais. No cenário atual, o professor autônomo, que conhece o conteúdo pedagógico, científico e cultural com o qual trabalha já não é mais suficiente.

Pimenta (2010) ressalta e chama a atenção para a necessidade de os professores-alunos investigarem a própria atividade pedagógica e, com isso, transformarem seu saber fazer docente numa contínua construção e reconstrução de sua identidade a partir da significação social da profissão, bem como pelo significado que cada professor confere à docência, sindicatos e outros agrupamentos e nas relações com seus pares em escolas, associações em seu cotidiano.

Dessa forma, os novos desafios presentes na carreira docente exigem não mais um profissional técnico, mecânico, burocrata, adaptado à ordem social e

acrítico. Muito pelo contrário. É importante que o profissional docente assuma seu papel enquanto docente munido de conhecimentos científicos, culturais, contextuais, psicopedagógicos e pessoais, a fim de enfrentar os desafios, reflexivamente, responsabilmente, analisando as situações que se apresentam em sua atuação de uma maneira mais global. É importante compreendermos que as mudanças de paradigma não ocorrem de forma espontânea, e muito menos de forma rápida.

A longo das últimas décadas, temos vivenciado inúmeras alterações realizadas no campo da educação, seja pela via das reformas, orientadas pela criação de novas leis, parâmetros, orientações e diretrizes, que buscam organizar, padronizar e democratizar o ensino em nosso país. Porém, estas mudanças só são possíveis, ou apenas são efetivadas, pela vontade dos sujeitos que participam deste processo.

Portanto, é preciso abandonar certos modelos que privilegiam o ensino simbólico, apropriar-se de novos conceitos, de uma formação mais flexível e engajada social e politicamente. Ultimamente, a formação do professorado precisa centrar-se em mudar a ideia que se fazia de professor aplicador de métodos e técnicas. Hoje, é preciso formar professores criadores de suas próprias práticas e materiais, além de profissionais mais atentos às mudanças que ocorrem no mundo e nas relações entre o saber e as pessoas. O grande desafio como professores-formadores, portanto, é o de prepararmos os futuros professores para o mundo e para a profissão que eles encontrarão amanhã.

Considerações finais

Diante dos novos e complexos paradigmas apresentados pela sociedade e pela educação, entendemos que o estágio configura-se em um momento importante de aproximação entre o futuro profissional docente com a escola, com suas práticas pedagógicas e com seus protagonistas (professores e alunos). Porém, acreditamos que a formação inicial, realizada nos cursos de licenciatura, será capaz de formar um profissional docente pronto e acabado, munido de todos os conhecimentos, competências e habilidades necessárias para atuar em quaisquer contextos com os quais tenha contato durante sua atuação profissional.

É ponto alto da profissão docente o processo de formação constante, exigindo de seus formadores e formados um comprometimento cada vez maior com a inovação, a reflexão e a tomada de decisões frente à complexidade deste processo. Devemos buscar a profissionalização e não apenas um treinamento, pura e simplesmente. Nesse sentido, o professor deve preparar-se, tornar-se um pesquisador de sua prática, fazer uso do máximo de competências, estratégias e conhecimentos possíveis, e de maneira consciente, aprender a lidar com o instável, com o contraditório, com o novo e estabelecer uma relação de confiança e de parceria com os demais protagonistas do processo de ensinar. A docência comporta vários saberes: conhecimento, compreensão, motivação, empatia, competência, paciência, didática, criatividade, etc. Portanto, o conhecimento, por si só, não é suficiente na prática docente.

O professor deve saber ensinar, ou seja, saber sobre educação, pedagogia e didática de sua matéria para que consiga imprimir ao seu conteúdo um caráter de conhecimento e não apenas de informação. O ensino, portanto, deve ser inovador e não mantenedor. Frente a isso, percebe-se que é preciso usar novos mapas para velhas rotas, fazer com que os alunos construam um sentido significativo para o que aprendem, para suas vidas, o que corresponde a ouvir, refletir, analisar, compreender o que dizem e fazem; corresponde a captar a problemática econômica, social e política dos que estão inseridos nessa realidade e a bagagem de conhecimentos trazidas por eles.

É importante salientar que o processo de formação é apenas iniciado durante a graduação, sendo indispensável a formação continuada e atualização constante desse profissional. Além disso, outro aspecto importante da formação docente é o de que não é apenas a disciplina de estágio supervisionado a responsável por essa formação, pois cabe, também, às outras disciplinas, o papel de formadoras. Sendo assim, percebe-se que a formação docente perpassa as instâncias do conhecimento científico e metodológico. Frente aos novos desafios é preciso formar e formar-se enquanto profissional reflexivo, autônomo, capaz de compreender a realidade em que atua e seu papel nesta realidade. Além disso, este novo profissional, formado em um e para um contexto de mudança precisa colocar-se na condição de agente transformador da realidade na qual atua.

REFERENCIAS

BARREIRO, Iraide M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. São Paulo: Ed. Avercamp, 2006.

FRANCO, Maria Amélia do R. S. Pedagogia e prática docente. São Paulo: Cortez, 2012.

LEFFA, Vilson (Org.). O professor de línguas: construindo a profissão. Pelotas: Ed. Educat, 2001.

PIMENTA, Selma G. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2012

GESTÃO NUMA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR COM ESCASSEZ DE RECURSOS: um estudo das escolas primárias rurais nº 157 de Micuma Iª e nº 216 de Bongo – Zimuno, Município de Buco/Zau, Província de Cabinda/Angola

Fernando Bumba⁹
João Nhito Massiala Chimbuca¹⁰
Teresa Preciosa Binda Tango¹¹
José Lelo Mampumbo¹²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a **Gestão numa organização escolar com escassez de recursos: um estudo das escolas primárias nº 157 de Micuma Iª e nº 216 de Bongo-Zimuno, ambas do município de Buco/Zau, província de Cabinda/Angola**. O objectivo principal desta investigação é analisar, mediante o método de pesquisa descritiva como os directores das escolas com escassez de recursos conseguem gerir as instituições escolares que dirigem. Também, sugerimos alguns procedimentos que esses directores podem seguir para tentar melhorar a situação contextual das referidas escolas. Esta pesquisa baseou – se no método de análise descritiva de dados de campo recolhidos nas escolas do ensino primário da comunidade rural de Micuma Iª e Bongo-Zimuno onde centralizamos a nossa experiência. As escolas primárias em estudo apresentam um número de alunos de pré-primaria à 4ª classe muito reduzido. Também, pelo número de alunos que as escolas primárias rurais possuem, tendo em conta que todos eles vivem na mesma aldeia, a probabilidade de não terminarem o ano lectivo é mínimo, salvo as questões como aquelas que ouvimos de soldados transferidos acidentalmente ao meio do ano lectivo. Quanto ao número de funcionários, achamos que, pela natureza característica da escola eles correspondem. Apenas o que não correspondem são os materiais didácticos e meios de ensino existentes nas mesmas escolas.

Palavras – Chave: Gestão; organização escolar; recursos

⁹ Doutoramento em Currículo, Professora do e Instituições Educativas, felitobumba@hotmail.co

¹⁰ Mestrando em metodologias do Ensino Superior, joaonhitomassiala@gmail.com

¹¹ Mestrando em metodologias do Ensino Superior, preciosatango1986@hotmail.com

¹² Mestrando em Ensino de Matematica, jolemamestrado@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Gestão nos faz lembrar que ela não existe do nada, é da origem latim que é “ direcção para, ministrar”; e “gestione”, que se refere ao acto de administrar, dirigir, proteger e gerir respectivamente (GASPAR & DIOGO, 2010). De acordo com o contexto educacional, a gestão em Angola é considerada como um processo legítimo e democrático na construção da melhoria na qualidade de ensino, em colaboração com os esforços colectivos e participativos.

Houve momentos em que o director da escola desenvolvia uma tarefa bastante rudimentar sem saber que objectivo poderia alcançar. Hoje, a realidade é totalmente outra, e, o tempo aperta, mas, a escola não pode continuar “apartada”, não pode continuar caduca e desfavorecida. Nesta conformidade, a reciclagem na matéria pedagógica seria uma prática conjunta não só para o professor, mas todos os que formam o processo educacional assumindo uma postura harmónica deste novo século que nos remete a uma realidade social selectiva onde a educação é o elemento de elevada estimação.

A administração e gestão escolar são formadas pelo director da escola, coordenador, assessor e orientador pedagógico, orientador e supervisor educacional, o professor que tem a função de gestor de sala de aula e também todos os funcionários de uma escola. Mas também, são estes os gestores que se responsabilizam com todos os recursos da gestão (humanos e conceptuais, financeiros e materiais, do espaço e do tempo). Para que a gestão funcione de maneira participativa, democrática e educativa, toda actividade deve ser planificada.

Espera-se que os actuais directores desempenhem suas verdadeiras funções com o objectivo plasmado no trabalho de qualidade em consequência da melhoria da educação nas organizações educativas onde estão, prestando uma mudança no panorama educacional angolana em especial as escolas situadas nas zonas rurais com escassez de recursos da gestão.

A situação que nos remete neste estudo é o facto das escolas observadas durante o nosso trabalho de pesquisa não possuírem verbas para o seu auto sustento, tão pouco estarem em condições infra-estruturais desfavoráveis; carteiras com

condições não regulamentadas, quadros destruídos, materiais pedagógicos incompletos, portas e janelas das escolas estragadas, não tendo sala de professores para as planificações e leituras, também, não existe residências para os professores. As escolas pesquisadas encontram-se em aldeias onde toda a população é de baixa renda económica, enfim, situações não boas de natureza laboral e organizacional. Os professores são obrigados deslocarem-se em distâncias sem meio de transportes para chegarem nos locais de serviço.

É importante realçar que, o espaço ambiental das escolas em estudo tem sido subaproveitado, existindo ainda paredes das escolas poluídas. Isto nos leva a concluir que a situação geográfica das escolas é menos boa. São escolas situadas juntinhas à beira da estrada, com riscos de atropelamento das crianças e, sobretudo o barulho dos automóveis durante as aulas. Assim, a nossa pergunta: como tem sido a gestão numa instituição escolar como é o caso das escolas do ensino primário n° 157 da aldeia do Micuma I e n°216 Bongo - Zimuno, Município de Buco-Zau da província de Cabinda (Angola) que carece recursos da gestão?

Naturalmente, com este problema surgiu-nos alguns questionamentos: o que se gere numa escola de natureza idêntica onde quase todo sistema educativo totalmente comprometido? Como é feita a gestão nestas escolas? Estas e outras questões serão alvo de respostas ao longo do nosso estudo. Para o efeito, objectivo deste estudo consiste em analisar como é que os directores das escolas primárias rurais com escassez de recursos conseguem gerir as suas instituições educativas que dirigem.

No quadro da reforma educativa angolana, a gestão escolar tem sido um factor primordial no crescimento da produtividade escolar e na racionalização dos recursos propostos pela organização. Nesta época, Angola, como os outros países do mundo consideram a educação num *gigante* que exerce uma influência no desenvolvimento da economia e da sociedade, não se pode de maneira alguma admitir um gestor apropriar-se da escola como uma modesta empresa familiar. Daí vê-se que, para melhorar a eficiência da educação, é necessário existir administração e gestão escolar eficaz.

CORPO TEÓRICO

Nos últimos cinco anos, Angola implementou uma dinâmica no quadro da melhoria do sistema educativo e na estratégia de uma administração e gestão eficaz para melhor construção no saber sólido dos alunos, aprovou uma remuneração salarial versada nos cargos da chefia, onde os directores de todos níveis do ensino foram os beneficiários.

Esta medida dotada pelo governo é plausível no sentido de que todos começam sentir-se responsáveis pelo desenvolvimento do ensino aprendizagem, fruto da motivação imposta pelo factor externo extremamente importante, como se prevê na teoria do conteúdo da motivação. Recorrendo a pirâmide das necessidades de Abraham Maslow; Alderfer, teoria de dois factores de Frederick Herzberg e teoria das necessidades adquiridas de McClelland, estas explicam as causas de motivação, isto é, o que motiva uma pessoa a trabalhar (TAMO, 2006).

Em resumo, as teorias explicam que enquanto não existir necessidades biológicas satisfeitas a curto prazo as necessidades psicossociais ou secundárias não podem ser satisfeitas. Implica dizer-se que as necessidades biológicas com o ciclo motivador rápido, são básicas a fim de completar as psicossociais que exigem um longo ciclo motivacional (OP.CIT).

Por outro, alguns peritos da educação em Angola questionam esta maneira da remuneração que implica algumas escolas com apenas um único professor, simultaneamente o director da escola e com um número de alunos insignificativo. Nisto, questiona-se: esses directores escolares, pela responsabilidade menos esclarecida que têm, podem ser premiados a uma remuneração salarial igual a de um director escolar com mais de 500 alunos? Também questiona-se o critério da selecção dos elementos nomeados ao cargo da direcção, num momento em que se precisa uma gestão por competência; assiste-se alguns deles fora das qualidades exigidas. A título de exemplo, uma investigação realizada pela equipa de Open University de Londres (Morgan, Hall e Mackay, 1983) sobre o processo de nomeação de directores escolares, na Inglaterra, por exemplo o Katz (1974), propôs um modelo que se revê na análise das tarefas de gestão que os directores deveriam realizar (JOÃO BARROSO, 2005).

Para Katz, os chefes executivos de uma empresa desempenham três grandes categorias de tarefas (op.cit:147). Estas categorias de tarefas se resumem em *técnicas*: de acordo com a natureza específica das actividades da organização; de

concepção: relativas ao funcionamento global e controlo da organização; *relações humanas*: abrange todo aspecto de gestão de pessoas e uma quarta categoria de tarefas é a *gestão externa*: relações com a comunidade e prestação de contas. Em nossa opinião, antes de se nomear um director escolar, estas categorias deveria ter sido dado em conta, e, no mínimo, um director escolar tinha que reunir todas quatro categorias como requisito preliminar.

As escolas em nosso estudo têm características iguais a uma escola com um único director-professor, um número de alunos muito ínfimo. Não têm verba, nem as condições laborais satisfatórias. São escolas situadas a norte da província de Cabinda no Município de Buco-Zau, nas aldeias do Micumal e Bongo - Zimuno, as duas juntinhas à estrada internacional que liga de sede capital de Cabinda à Dolizi (República do Congo- Brazavil). Elas estão aproximadamente a 12 Km e 17 km respectivamente entre a sede municipal de Buco - Zau; e a 197 Km à capital da Província de Cabinda. São aldeias vítimas do passado conflito armado que Angola viveu a mais de três décadas, destruídas e sem previsões da sua reabilitação, actualmente têm uma população estimada entre 60 e 20 habitantes respectivamente, com a sustentabilidade de vida apenas na agricultura e na caça.

Vivem sem água canalizada, sem a iluminação eléctrica e não têm ao seu lado além da escola um outro serviço social. As escolas possuem um pavilhão, duas salas de aulas sem escritórios, não tem balneários e muito menos as salas de professores. No capítulo dos recursos humanos, tem um director da escola nomeado pelo Governador da província, cinco e um professor respectivamente, tendo 51 alunos para escola do Micuma Iº e 20 alunos para escola de Bongo-Zimuno, desde pré à 4ª classe.

Somos de opinião que as escolas com as condições como as das escolas primárias nº157 de Micuma I e nº 216 de Bongo-Zimuno fossem enquadradas num agrupamento escolar onde pode integrar cerca de 5 às 10 escolas das características iguais. No caso vertente, já se poderia pensar a um director-coordenador do agrupamento e, nas restantes escolas apenas ficariam os coordenadores dos turnos ou uma denominação que se poderia achar pertinente.

A nossa opinião de agrupamento pode ser objecto de contestação académica. Mas, entendemos que, o conceito de gestão vária de autor para autor. Assim, parece – nos que ela é um processo destinado a obter resultados com utilização

de todos ou de uma parte dos recursos da organização. O Gestor é aquele indivíduo dotado de autoridade e capacidades na mobilização e utilização dos meios postos à sua disposição pela organização.

A gestão é uma função que subordina a organização pois que, a responsabilidade e a execução quotidianas das actividades decididas e prevista por esta, assim como sua coordenação e valorização é feita na organização (LOURENZO DELGADO, 2004).

O grande desafio da gestão efectiva é conduzir a organização em direcção aos objectivos previamente definidos. “O sucesso de um gestor mede-se fundamentalmente pela sua capacidade em conseguir influenciar e encorajar os seus subordinados a atingir elevados níveis de desempenho, tendo em conta os recursos, as capacidades e a tecnologia disponível” (TEIXEIRA, 2005:163).

A gestão é um processo de se conseguir ter resultados da organização (bens, serviços, etc) com o esforço do outro (organizar, coordenar, dirigir o trabalho dos outros). Para o BRITO (1991) citado por GASPARG & DIOGO (2010:40), “gerir uma escola é governá-la numa perspectiva da sistemática inventariação dos seus problemas accionando todos os recursos humanos, materiais e financeiros para a resolução e satisfação dos seus anseios, necessidades e projectos, com vista ao alcance do sucesso escolar e educativo dos alunos”.

Para autor (op.cit), as principais áreas de gestão são: gestão pedagógico/didáctico, onde são enquadradas todas as actividades (projectos, recursos, órgãos e serviços directamente relacionados com o ensino e a educação); gestão administrativa e financeira, que se ocupa na gestão dos orçamentos, para se aplicar na gestão racional do espaço pedagógica e para a manutenção do património administrativa, se ocupa também na gestão dos recursos humanos e materiais, na angariação e gestão de recursos financeiros, estabelecendo protocolos e promover vendas e serviços, angariar subsídios e receitas. Finalmente a gestão funcional e dos espaços, consiste em preservar a qualidade dos espaços e dos equipamentos, qualificar os espaços, isto é, embelezar, organizar e reparar, aumentar o nível de conforto.

A gestão escolar não só é aplicada nos recursos humanos, materiais e financeiras, aplica - se também na gestão do currículo. Um currículo bem gerido seria um *triumfo* para as escolas com problemas de escassez de recursos e que carecem desenvolvimento na execução das suas tarefas. Quer dizer, gerir o currículo nas

escolas rurais sobretudo a aquelas com problema de recurso da gestão para o nosso contexto é tentar elaborar um conteúdo que pudesse corresponder com a verdade que as crianças vivem nas suas aldeias. Implementar no currículo a disciplina da língua nacional e educação ambiental por causa dos espaços verdes que as crianças observam a “vista”, seria gestão racional do currículo escolar adequado ao tipo de lugar onde ocorre o processo de aprendizagem.

Para o nosso enfoque, o gestor gere recursos e os recursos da gestão devem ser materiais (imóveis, moveis, etc.) e imateriais (finanças, tempo, espaço, etc.), caso contrario não pode existir a gestão como acto. A exemplo das escolas primárias em causa, pela falta dos recursos da gestão que estas vivem, tendência é de promover uma acomodação administrativa no professor – director colocado naquela instituição escolar (não tem o que gerir). No que se refere aos recursos humanos, seria injusto afirmarmos a não existência destes nas escolas em estudo, pois, ele acaba sendo um grupo de indivíduos que com esforço colectivo e com a disponibilidade particular (calor físico individual ou muscular, intelectual e outro), caracteriza o desenvolvimento da instituição. Mas, apenas referimos que quando forem de menor número, o esforço colectivo é totalmente fragilizado.

Quanto as escolas que foram alvos do nosso estudo, embora não terem recursos da gestão que satisfaz o requisito de uma organização completa, mesmo assim, têm elementos que representam os recursos destas na condição que se encontram, isto é, o próprio director, o professor, os alunos e os materiais quer didácticos quer patrimoniais, etc.

Recursos humanos: a escola nº 131 possui um (1) director, 4 (quatro) professores e (51) alunos; enquanto que a escola do Mbongo – Simuno tem um (1) director, 1 (um) professor, como se pode observar no quadro 1 abaixo.

Recursos financeiros: não existe verbas alocadas para estas escolas, tão pouco existem fontes de aquisição de receitas. No acto de matrículas deveriam os pais participarem a um valor monetário simbólico, caso este que nunca aconteceu como realidade naquela comunidade. Nesta fase, os pais chegam a dizer ao director da escola de não terem nenhuma preocupação de, se o seu filho estuda ou não. Para isto, eles justificam face a esta atitude, que os primeiros filhos que desenvolveram os primeiros abecedários, nunca renderam quer em termos de sucesso escolar, quer em

termos de aquisição de um espaço labutar; algo que eles não queriam novamente repetir.

A gestão é feita num clima de colaboração mútuo e participação viva comum de todos componentes da gestão. Este intercambio coordenado pelo homem, faz funcionar todo um recurso quer material quer imaterial, ou seja, na conjuntura, está o sujeito pensante e não pensante. As novas políticas do estado num curto, médio ou longo prazo são de descentralização da gestão das instituições escolares públicas. Esta descentralização converge como disse BARROSO (2005), “gestão centrada na escola”, isto é, a educação está relacionada com as medidas de descentralização e autonomia. Esta expressão *gestão centrada na escola* é também aplicada nos países como EUA e Canadá, ou *self management school*, no Reino unido, Austrália, Nova Zelândia, é um modelo utilizado para “significar um conjunto coerente e sistemático de medidas políticas, destinadas a diminuir a intervenção do Estado na prestação do serviço publico da educação, através da criação de quase um mercado educativo”, consequências directas da transformação dos processos de financiamento, governo e gestão das escolas (OP.CIT:96)

Assim sendo, será rigorosamente e obrigatória inventariação dos recursos disponíveis a cada organização escolar como pressuposto da autonomização administrativa, ou seja, a gestão centrada na escola. Com isto, as escolas em estudo, estarão em condições favoráveis para enfrentar a exigência do contexto? Assim, será obrigatória se pensar num agrupamento escolar para qualificar as escolas de natureza idêntica, ou, se não for o caso, correr-se-á o risco de “encerrar as portas” dessas escolas.

A nossa ideia aponta verticalmente em agrupamento, porque, primeiro vemos a escola como organização. Pensando da organização, não podemos logo imaginar as estruturas, mas, a pessoa que nela compõe (GRAÇA M. J. SIMÕES, 2005). Para uma boa reflexão, juntando as estruturas e o colectivo das pessoas com a mesma finalidade ou mesmo objectivo, constrói-se a organização. Pode se com isto dizer que a organização não é absolutamente feita numa só pessoa singular, a que existir os componentes da organização (estruturas, as pessoas ou grupo de pessoas, tudo aquilo que é objecto da organização). É nesta base que se pode problematizar a visão da escola como uma organização, num sistema educativo fortemente centralizado como é o de Angola.

Nesta base de ideias, as estruturas escolares e as escolas não podem ser mais do que pequenas unidades no contexto global, as pessoas como é o caso do professor e o aluno devem ser um número abrangente e não insignificante. Ali surge a necessidade de agrupamentos escolares para o caso das escolas com menor número quer dos professores, dos alunos, quer as infra-estruturas menos esclarecidas.

Um outro elemento a ter em conta é a responsabilidade que o director do agrupamento assume numa organização. Para tal, urge a necessidade de formação específica e a manutenção da experiência como primeiro critério de valorização.

A escola primária de Micuma I e de Bongo – Zimuno faz parte no contexto de todas as escolas públicas controladas pelo governo Angolano. A sua crítica situação pode estar dependendo da dimensão infra-estrutural ou pelo número do efectivo que apresenta, quer do ponto de vista do número de professores, quer do ponto de vista do número dos alunos que a escola possuiu. A necessidade de enquadramento destas escolas num agrupamento escolar ou coordenação escolar, não nos surge por acaso, pode ser uma das vias não só de melhorar o sistema administrativo e gestão com base ao aprendizagem do aluno, também para desenvolver a qualidade ou imagem física e ambiental das mesmas escolas. Aumentaria também a preocupação dos pais na participação e manutenção das estruturas escolares.

METODOLOGIA

Esta pesquisa baseou – se no método de análise descritiva de dados de campo recolhidos nas escolas do ensino primário da comunidade rural de Micuma Iº e Bongo Zimuno onde centralizamos a nossa experiência. Os dados permitiram fazer o diagnóstico da situação e sugerir algumas medidas que podem ser adequadas pelos directores das escolas com essas características, isto é, com insuficiências recursos de gestão. Para a recolha de dados, foi utilizada a entrevista, na qual aplicamos aos directores das ambas escolas.

A opção por esta técnica de investigação deveu-se ao facto de se considerar importante ouvir, em primeira mão dos directores das duas escolas com o uso da entrevista de forma a sabermos como são geridas as escolas com as características das que eles gerem. Outrossim, não temos nenhuma intenção de

generalizar os dados desta pesquisa pelo facto das duas escolas não serem uma representativa de um universo muito grande das escolas rurais de Cabinda; mas, não deixamos de ter uma vasta imagem de como as escolas das mesmas características vivem. Submetida entrevista aos dois directores das duas escolas em epígrafe, quase que não divergiram no ponto de vistas das ideias em função o que queremos alcançar, isto é, referentemente a questão de sabermos como e de que maneiras são geridas as escolas primárias rurais com escassez de recursos a todos títulos. Assim, os resultados alcançados na base da entrevista estão descritivamente no quadro abaixo:

Quadro 2. Resposta dos directores entrevistados.

Questões	Respostas dos inqueridos	
	Director da escola Primaria Micuma I n° 157	Director da escola Primaria Bongo Zimuno n° 216
Acerca de número de alunos matriculados.	<i>Temos por em quanto 51 alunos matriculados, dos quais 28 são masculinos e 23 femininos. Existe a previsão deste número aumentar porque dependemos muitas vezes dos encarregados da educação que se quer preocupam-se com a formação dos seus filhos</i>	<i>Temos por em quanto 20 alunos matriculados, dos quais 8 são masculinos e 12 femininos. Há previsão deste número aumentar</i>
Quanto a desistências dos alunos	<i>Difícilmente os alunos terminam o ano lectivo nesta escola, porque, este número de alunos como podeis ver na nossa planilha, inclui – se também na sua maioria os militares colocados nas unidades que se encontram nesta floresta. Quando estes são transferidos no meio do ano lectivo, cortam assuas aulas. Isto tem sido comum a todos os anos. Para termos os alunos que temos nós fazemos campanha porta - á - porta e, até, Chegamos à unidade para exigir os militares a se matriculem, obviamente com o apoio do comandante</i>	<i>Todos anos, a tendência é dos alunos concluírem o ano lectivo</i>
O número dos funcionários da escola	<i>A escola conta com 5 funcionários, estes estão inclusos eu próprio como director e um professor que se encontra no passivo por questões da saúde</i>	<i>A escola apenas tem 2 funcionários estes estão, incluindo eu próprio como director. Significa que somos dois, eu e o meu professor</i>
A poio material e patrimonial que	<i>Embora não termos o apoio que as escolas deveriam merecer, recebemos algum</i>	<i>Temos tido o apoio material, a dificuldade apenas consiste na</i>

recebem pelas órgãos da tutela	<i>material, isto é livros, pastas de arquivos, ultimamente recebemos doação pela Chevron alguns quadros pretos.</i>	<i>transportação dos mesmos.</i>
Condições físicas, ambientais e do espaço da sua escola	<i>A escola não oferece condições para a boa prática do processo do ensino e aprendizagem. Exemplo, a escola esta situada juntinho a estrada, muitas vezes trabalhamos com cautela para não haver atropelamento das crianças, existe também a poluição sonora, perturbando as aulas dos alunos, não temos uma boa estrutura física da escola. Basta ver, a escola é de adobos. As condições ambientais desfavoráveis, pelo facto de queimaduras das lavras provocadas pelos aldeões.</i>	<i>A escola não tem condições para a boa prática do processo do ensino e aprendizagem. Ela esta juntinho a estrada, com riscos de atropelamento das crianças e poluição sonora, perturbando as aulas dos alunos. A estrutura física da escola e impropria, Basta compreender que ela é feita de adobos, aquece muito quando há sol e quando chove as águas invadem dentro.</i>
De que maneira gere a escola tendo em conta os recursos de gestão a sua disposição?	<i>Na minha parte, digo que tenho uma gestão perturbadora. Primeiro é que, para além de termos carência do material de apoio ao ensino, falta professores também. Embora termos poucos alunos, aqui funcionam todas classes do ensino primário. Como exemplo, eu pessoalmente como director trabalho com duas classes.</i>	<i>Que tipo de gestão se espera numa escola que não tem nada? Momentos há me sinto fora de que sou director da escola. Mas, com coragem e, aproveitando dos seminários que temos tido, as vezes inventamos algo. Exemplo, ultimamente enfatizei um projecto de construção da latrina escolar e convidei toda população a fazer parte da mesma. Assim, mesmo sem dinheiro, deu certo.</i>
Recursos quer humanos, quer materiais que tens é suficiente para proporcionar uma boa gestão? Porque	<i>Embora a escola é pequena, os recursos da gestão que ela possui é muito insuficiente. So para ver, ao fazermos um relatório, acta ou qualquer documento da escola, recorremos a pessoas singulares. Por minha iniciativa e com o dinheiro pessoal consegue comprar uma máquina dactilografo esta que estas a ver ali</i>	<i>Nós contentamo-nos apenas dos recursos que temos. A maior dor de cabeça é mesmo das finanças (dinheiro), o resto arranja-se.</i>
Alguma verba alocada para esta escola?	<i>A escola não tem verba, parece que nem hoje nem amanhã que poderão disponibilizar uma verba para esta escola. Nós sustentamos as pequenas despesas que a escola tem tido,</i>	<i>Não temos verba que podia sustentar a escola. Nós sustentamos as despesas escolar através do nosso reembolso. Um</i>

	<p>reembolsando nos nossos ordenados mensais. Um exemplo, em função de termos um número de alunos insuficiente, e pelo facto desses alunos serem de menor idade, para o embelezamento da escola contratamos uma senhora da aldeia que mensalmente pagamos 10.000,00, dinheiro subtraído nos nossos salários.</p>	<p>exemplo, criamos um projecto de confecção de latrinas escolares, isto contou com o nosso esforço e o da população. Claro que, a motivação pelo trabalho não faltou, nisto tive que pegar o meu dinheiro para fazer alimentar e dar de beber aos que estavam a trabalhar. Sinceramente, difícil crer, esta nunca foi minha escola particular, é do estado [...]</p>
<p>Dificuldades ou não de gerir a escola igual a esta</p>	<p>Temos muita dificuldade de gerimos uma escola destas características, porque, a repartição municipal não apoia; a administração municipal também não nos apoia, mesmo na transportação do material que eles próprios dão para a escola, somos obrigados alugarmos com o nosso dinheiro um meio para o transportarmos material, como que ela fosse uma nossa propriedade privada.</p>	<p>As nossas dificuldades consiste na falta dos meios financeiros, humanos e Materiais que deveria dignificar o trabalho.</p>
<p>Opinião sobre o que necessário fazer para gerir uma escola com as características como a da sua escola</p>	<p>Deve existir um apoio financeiro, material e humano suficiente para enfrentar as dificuldades da escola</p> <ul style="list-style-type: none"> - deverá existir um meio de transporte que apoia mesmo que seja para muitas escolas - a outra solução é unir as escolas para evitar que um professor vai trabalhando com duas turmas alegando ter poucos alunos. Assim, obrigam os professor juntar duas ou três classes na mesma turma ou fazer um desdobramento que não é ideal para o ensino. 	<p>A escola em si deve ter uma ajuda financeira, os pais/ encarregados devem colaborar para que haja um processo de ensino condigno. As pessoas de boa-fé e não só, os empresários deverão ajudar melhorar as escolas com essas características.</p>

Fonte: criação própria

Depois de termos as informações dos dois directores das escolas apontadas como alvos de estudo, chegamos a seguinte **conclusão**:

As escolas primarias em estudo apresentam um número de alunos de pré-primaria á 4ª classe muito reduzido. Também, pelo número de alunos que as escolas

possuem, tendo em conta que todos eles vivem na mesma aldeia, a probabilidade de não terminarem o ano lectivo é mínimo, salvo as questões como aquelas que ouvimos de soldados transferidos acidentalmente ao meio do ano lectivo. Quanto ao número de funcionários, achamos que, pela natureza característica da escola eles correspondem, apenas não correspondem são os materiais didácticos e meios de ensino existentes nas mesmas escolas.

As escolas não oferecem condições quer materiais, ambientais e dos espaços, pois que, elas estão juntinhas a beira da estrada, não tendo espaços para o recreio dos alunos, poluição sonora e paredes borrifadas, desrespeitando as regras internacionais da higiene escolar, mais ainda, as escolas não possuem verba para a sua auto-sustentação.

As condições de habitabilidade dos professores são insatisfatórias, obrigando o professor deslocar-se muita distância para exercer a sua actividade. Nisto, estão sem meios para transportar o pouco material escolar que a repartição municipal apoia, em fim, escolas são de construções não definitiva com características não adequadas; quando chove, as águas invadem as salas de aulas.

Quando a escola quer realizar uma ação de limpeza e outros trabalhos, o director é obrigado sensibilizar a população residente a um trabalho voluntario que nunca tem sido fácil, e, em determinadas ocasiões, o director é obrigado fazer um reembolso no seu próprio salário para satisfazer todos aquele que dignarem ajudar a escola.

Face a situações de género, abrimos as futuras linhas de acção para as pesquisas vindouras em função das sugestões dos directores entrevistados e da nossa visão, procurando aprimorar uma boa gestão tipicamente virada para escolas com essas características. Assim:

- A Secretaria provincial deverá apoiar incondicionalmente as repartições municipais e por sua vez, apoiar as escolas desta dimensão caracterisco, propondo projectos para o desenvolvimento sustentável das escolas com a situação precária de recursos de gestão;

- Organizar as escolas desta dimensão em agrupamentos escolares, onde deverá existir um único director. Nas restantes escolas, ficariam funcionando apenas os coordenadores dos turnos como representantes dos directores dos agrupamentos;

- Sondar a escola que tiver maior número de alunos em cada classe, ali funcionaria a classe com mais alunos, obviamente, garantindo um transporte escolar para alunos descolantes. Em outras palavras, se a 4ª classe possuir mais alunos numa escola, todos outros das outras escolas vão juntar – se aos de mais para constituir uma turma significativa e vice-versa. Assim, não só, poderíamos aproveitar os espaços menos explorados, mas também equilibrar e ajudar qualificar o ensino nas escolas onde há escassez de recursos.

- Garantir formações para directores que vão actuar nessas zonas, inculcando-os o espírito de liderança, pois, a liderança é uma estratégia nos momentos difíceis; incentivar ao director formando o espírito de ter a vontade de trabalhar onde for necessário, e com capacidade de criar mesmo sem recursos suficientes para o fim determinado.

REFERÊNCIAS

BARROSO, J. **Políticas Educativas e Organização Escolar**. Temas Universitárias. Universidade Aberta. Lisboa-Portugal, 2005

BRITO, C. **Gestão Escolar Participativa**. *Na escola todos somos gestores*. Lisboa: Texto Editora, 1991.

CHIAVENATO, I. **Gerenciando Pessoas**. 4. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003

GASPAR, P & DIOGO, F. **Sociologia da Educação e Administração Escolar**. Plural Editora do Grupo Porto Editora. Luanda, 2010

LORENÇO DELGADO, M. **La Gestion en los centros educativos**. CapIV: Universidade de Granada, 2004

LORENÇO DELGADO, M. **Organizacion y gestión de centros y contextos educativos**. Editorial Universitas, S.A, 2011

NUNES, P. **A gestão (a administração)**, 2012. Acessado knoow.net@gmail.com. Aos 9 de Maio de 2013

ROSA M.ª S. C & ALFONSO N. J. **Organización y planificación escolar**. Editora Sintesis, S.A. Madrid-España, 2012

SIMÕES, G.M.J. **Organização e gestão do agrupamento vertical de escola: a teia das lógicas de acção.** edições ASA. 1ª edição. Lisboa, 2005

TAMO, K. **Introdução à gestão das Organizações.** *Conceitos e Estudos de Caso.* 2ª edição. Capete- Publicações. Luanda, 2006

TEIXEIRA, S. **Gestão das Organizações.** 2ª Edição. Editor McGraw-Hill, 2005

Esta edição é a materialização do conhecimento adquirido pelos autores e agora transmitido para toda a comunidade acadêmica e a sociedade de uma forma geral. Pois o conhecimento tácito destes autores não pode ser perdido, e sim registrado para as próximas gerações, e se possível atravessar as fronteiras físicas dos países e continentes, auxiliando outros educadores e pesquisadores.

Prof. Dr. Ricardo Amorim